



O DEVAGAR E O ANTES

Marina Tranjan

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Edith Derdyk, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "Caminhada como Método para a Arte e a Educação"

Ano
2020

RESUMO

Este trabalho é dividido em duas partes: um livro poético-ficcional composto por diferentes linguagens artísticas, e um texto que o acompanha comentando seu processo de criação. O livro foi realizado a partir da ideia de caminhada como dispositivo para a ativação de um estado de sensibilidade ampliada. As caminhadas efetuadas se deram, prioritária e tematicamente, à beira-mar, e foram inscritas e articuladas de distintas maneiras: através de textos em diferentes registros (relatos, ensaios, poesias, resenhas e contos), e não apenas de autoria própria, através de ensaios fotográficos, e através de materiais gráficos de outras naturezas produzidos a partir deles (cianotipia e desenho sobre fotografia). O texto que complementa o trabalho funciona como uma espécie de posfácio, apontando critérios de escolhas realizadas, além de impulsos que motivaram o desenvolvimento da obra dentro do contexto de pesquisa da pós-graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Escrita performativa. Fotografia. Hibridismo de linguagens.

ABSTRACT

This work is divided in two parts: a poetic-fictional book encompassing different artistic languages, and a supplementary text describing its process of creation. The book was written from the idea of walking as a device for activating an enlarged state of sensibility. As a thematic choice, most of the walks took place by the sea. They were registered in a variety of means: texts of different sorts written by myself and by other authors (reports, essays, poetry, short stories, reviews), photographic sessions, and graphic material of all kinds, frequently based on the photographs (cyanotype and drawing over photographs). The accompanying text functions therefore as an afterword, indicating the criteria used in the selection of material and illuminating the drive behind the development of this work in the context of academic research.

KEYWORDS : Poetry. Performative writing. Photography. Hybridity of languages.

AGRADEÇO COM IMENSO CARINHO

A Andrea Tedesco, Daniel Cohn, Denise Passos, Leila Tranjan, Mariana Laham, Vinicius Torres Machado e Verônica Veloso, por suas imagens e histórias compartilhadas.

À Casa Tombada, pelo acolhimento e oportunidade de realizar esta pesquisa.

A Edith Derdyk, pela abertura de novos caminhos e horizontes.

A Aline Shinzato, Daniele Silva Melo, Elma Passos do Santos, Kamila Pozza, Maisa Sobelman, Marla Rodrigues, Milena Galli, Sofia Olival, Tatiana Abi e Zenaide da Silva Vasconcellos Souza Galasso, pelo companheirismo e trocas nesse percurso.

A Deise Pacheco e Verônica Veloso, pela orientação e retorno fundamentais no meio da jornada, e por terem muito gentilmente aceitado o convite para a leitura final do trabalho.

A Carolina Callegaro e João Pedro Ribeiro, pela paciência, prontidão para ajudas de todos os tipos e colo carinhoso nas horas mais oportunas.

A Caetano Gotardo, Marina Corazza e Natacha Dias, pela parceria imprescindível de todos os caminhos.

A Ana Cláudia Romano Ribeiro, Cecília Schucman, Cristina do Vale e Deise Pacheco, pela indicação generosa de referências essenciais.

A Luisa Malzoni, minha mestra da liberdade na arte da fotografia.

A Andrea Tranjan, pela procura de imagens fotográficas no baú da família.

À família Tranjan (e Ester Rizzi! e Mara Lúcia Cervone!), por serem minha base afetivo-emocional para o que der e vier!..

A Tiago Tranjan, por todas as conversas e sugestões de belezas indispensáveis, por ser uma luz constante que ilumina todos os trajetos, pela amizade de vida inteira.

A Ercílio e Nilce Tranjan, por todos os motivos que não caberiam nessas nem em quantas linhas fossem: pela revisão dos textos, pelo olhar e palpites afetuosos, pela inspiração eterna de todos os tipos, pelo apoio incondicional inabalável, por tudo que sempre me ensinaram e continuam ensinando.

A Daniel Muller, por estar amorosamente ao meu lado durante todo o processo de criação deste trabalho, sempre me alimentando de todas as formas possíveis: com suas ideias, lembranças, *insights*, risadas, sensibilidade, devaneios... e com comida também! E por ter topado encarar comigo a arte gráfica do livro, ajuda sem a qual ele não teria ficado pronto.

Anexo – texto sobre o processo criativo de ***O Devagar e o Antes***

Existem inúmeras formas de pensar arte, desde entendimentos muito simples relacionados às nossas vivências pessoais mais imediatas até elucubrações bastante complexas acerca do tema. Sem que nos detenhamos muito sobre essa questão, conseguiríamos apontar, apenas como exemplo, alguns esboços de acepções possíveis: podemos compreender a arte como forma de expressão individual, assim como podemos pensá-la como forma de expressão de um determinado grupo, tateando aqui o conceito da representatividade de diferentes formas de vida e arranjos sociais. Podemos entendê-la como experiência de elaboração de nós mesmos e do que está ao nosso redor. Podemos percebê-la também como pura manifestação do belo (desde que tenhamos consciência das reflexões presentes diante desse conceito – aliás, cada um desses apontamentos poderia render páginas e páginas de discussões a respeito deles). Podemos contemplar a arte como uma dimensão humana que tem uma capacidade única e extremamente acurada de leitura da sociedade e mesmo de revelação do que parece oculto a outros campos de debate, chegando, por vezes, a esbarrar no que nos parece profético – dentro disso, poderíamos admitir a arte não em função da política mas como essencialmente política. Podemos distingui-la como propositora de universos simbólicos que procuram ampliar nosso potencial de interpretação da complexidade dos relacionamentos humanos. Podemos constatar que a arte evidencia obrigatoriamente o âmbito relacional e gregário, posto que talvez ela aconteça somente na reverberação entre as pessoas, entre artistas e público (a arte parece sensibilizar a percepção de experiências que estão pulsando entre todos, mesmo que de forma ainda embrionária ou incômoda; parece expor desajustes, medos, fobias e desejos que transcendem o

artista pois que senão acabariam por não existir). Podemos também intuir a arte como caminho de questionamento dos valores vigentes para que não nos acomodemos em relação ao que é dado como suposta verdade. Podemos reconhecê-la como exercício da consciência do comunitário para que compreendamos que o mundo inteiro está inevitavelmente em conexão. Podemos igualmente vislumbrá-la como um sopro que nos atravessa e cogita o mistério da vida.

Seria possível seguir com essa lista indefinidamente e ainda assim ela não se esgotaria (sendo essa outra forma de compreender a arte: como uma perspectiva do inesgotável do imaginário humano).

Esses modos de abordar a arte, além de tantos outros não mencionados acima, não são de jeito nenhum excludentes entre si. Acredito que cada trabalho artístico apresente uma combinação única, apenas sua, de várias dessas possíveis formas de se pensar e de se fazer arte. Quais dessas conceituações estão presentes, conscientemente ou não, em que medida cada uma delas está presente, quais estão sendo friccionadas ou até mesmo negadas – esses são alguns caminhos para que possamos ampliar o encontro com um trabalho que se pretende artístico (e que, ao se pretender, o é).

Eu não tenciono aqui definir uma linha de olhar para o trabalho **O Devagar e o Antes**, que ora apresento. Até porque, mesmo que eu conseguisse discorrer sobre cada um dos fatores que estiveram presentes em seu processo de criação, fala que inevitavelmente seria bastante inexata, esses fatores nunca estão apenas no momento em que o trabalho é construído, mas também na recepção de quem se propõe a estabelecer uma relação com ele (no modo como esse alguém irá atentar para uma ou outra coisa, ressaltar um ou outro elemento).

Apesar disso, eu gostaria de destacar outra forma de entender a arte que considero ter se estabelecido como central nessa trajetória: A arte como estado amoroso diante do mundo. Talvez “diante” não seja a palavra mais justa por se tratar de um estado amoroso *em relação*, em relação com o mundo que nos rodeia. Mas “o que nos rodeia” também não parece ser a expressão exata devido à separação que estabelece entre sujeito e objeto, enquanto o que estou buscando como conceito central é descrever uma relação amorosa com um mundo que nos contém e que está contido dentro de nós. Trata-se de atentar para o mundo (através de todos os sentidos) de dentro dele e estando habitado por ele. Se a arte pode cogitar os mistérios da vida, esse trabalho resvalou em um dos mais antigos do nosso imaginário: ser o outro sendo si mesmo; fazer parte do outro, mas se distinguir dele a ponto de poder olhá-lo; ser humano e saber-se parte de um todo que procuramos observar e, ao mesmo tempo, compor. A noção central que julgo poder dizer que norteou a criação desse livro passa a ser, então, a arte como um estado de amor profundo pelas coisas que existem no mundo do qual fazemos parte; a arte como determinação de contemplá-las, de aprender e fruir suas formas e tempos; a arte como escolha pela vida em seu sentido maior. É precisamente nesse ponto que o meu fazer artístico se encontrou com a prática da caminhada. A caminhada (que também pode ser definida e experienciada de diversas formas) pede esse estado de atenção para com o mundo, e de curiosidade perante as coisas todas que o constituem, incluindo o próprio corpo que percorre um trajeto (respiração, pulsação, pernas, a superfície na qual o corpo se apoia e a sensação do pé quando pisa – trata-se de uma atenção dupla, voltada para o mundo e para si mesmo; para o si mesmo diante do mundo e contido nele; para o mundo que vai se formando dentro de si e que será manifestado artisticamente). Este foi o estado

poético que me interessou para a criação desse trabalho, para a construção de algo que faz parte do mundo em que estou e que ora enxergo.

A criação passa a ser, desse modo, performativa. Ela acontece através da experiência do movimento e do encontro com o outro (seja o outro o chão ou o mar). Ela deixa de ser uma operação aparentemente mental para se configurar também como uma operação do corpo e do sensível. Na realidade, ela evidencia a falsa separação entre supostas categorias arbitrárias que constituiriam o ser humano. Um corpo que escreve, uma mente que caminha: isto parece estar mais próximo da nossa real natureza.

Esse mesmo desejo de estar *em troca* no ato da criação fez com que eu decidisse buscar outras vozes que pudessem fazer parte do grande diálogo que esse trabalho pretende ser. As vozes que o atravessam não foram buscadas artificialmente em um momento posterior. Foram vozes que estiveram comigo durante todo o percurso, como se fossem amigos que caminhassem ao meu lado. Uma casca de banana no mar, e um conto era sussurrado em meus ouvidos; um reflexo de sol na pedra, e aparecia uma imagem lida na infância; uma música escutada antes de dormir, e o modo de caminhar no dia seguinte era outro. Foi uma experiência de diálogo com outras poéticas sem que elas fossem pensadas como obras fora de mim, e sim como criações que agora fazem parte de quem eu sou. Mais uma vez, a fronteira entre o eu e o outro sendo evidenciada e colocada em questão. A ideia de autoria sendo reservada ao reconhecimento imensamente afetivo e grato aos artistas que manifestaram imagens, ideias, reflexões e sentimentos com palavras ou traços que encontraram sua forma perfeita, mas distante da ideia de domínio ou posse dessas manifestações (que mais me parecem bens incomensuráveis da humanidade). Não se trata apenas de colocar em questão a ideia de autoria (e seus desdobramentos),

mas principalmente de explicitar o campo de autoria no que se refere ao leitor da obra, que certamente terá uma maneira única e intransferível de ressignificá-la e reconfigurá-la conforme suas experiências e sensibilidade. Além disso, trata-se de explicitar também a ressignificação das próprias expressões artísticas quando em diálogo: uma imagem ou um texto podem sugerir algo quando lidos sozinhos e algo bastante distinto quando lidos ao lado de outra imagem ou texto. Existe um diálogo inevitável entre essas diferentes manifestações, quando colocadas uma perante a outra, e uma conseqüente fluidez de suas possibilidades de sentido.

A minha formação artística original está prioritariamente nas artes cênicas (com passagens fundamentais pelo cinema e pela fotografia). Mas eu poderia dizer que comecei a escrever dentro dos chamados “processos colaborativos” da dramaturgia teatral. Esses processos não suprimem a voz do autor do texto nem a noção de autoria. Porém, ela é atravessada pelas vozes de todas as pessoas que fazem parte da construção daquela obra (atores, diretores, músicos, cenógrafos, iluminadores). Trata-se de um processo na maioria das vezes extremamente trabalhoso, mas de uma riqueza singular. Existe uma tessitura que não tem como passar despercebida, como se pudéssemos enxergar o fio que a compõe, o desenho da urdidura, as falhas no caminho, e o próprio tempo que demora um trabalho desses para acontecer (o tempo do diálogo de vozes que se ecoam, mesmo em suas diferenças, na busca por uma criação em comum); como se pudéssemos enxergar inclusive o que não está lá, pela própria porosidade e abertura da trama, e esse espaço vazio passasse a ser parte fundamental do que é construído. Espaço para ser preenchido, sonhado, recriado (provavelmente necessário para que o receptor de uma obra artística possa se colocar também como seu coautor).

Foi também nesse sentido que eu busquei um fluxo livre entre diferentes formas de linguagens artísticas, numa não hierarquia entre elas (as imagens não estão em função das palavras nem as palavras em função das imagens; mais uma vez, elas estão *em relação, em diálogo* uma com a outra).

A não hierarquia entre diferentes formas de expressão e entre diferentes vozes e autores foi algo essencial que guiou essa pesquisa. Talvez como forma de refletir sobre a ideia de que, acima de tudo, a arte tem que ser libertária (e essa, sim, eu acredito ser uma abordagem que deveria atravessar e estar contida em todas as outras).

Libertária, inclusive, em relação aos mais inusitados tipos de domínios e controles – como a noção de autoria do modo como nós a experimentamos, ou como o hábito de uma linguagem em função da outra, ou ainda como a concepção egoica de separação do humano em relação ao mundo em que está inscrito e que, supostamente, deveria se submeter a ele.

Parece que adentramos um período da nossa história em que a própria noção de produção começa a ser repensada. Se houve momentos em que um aterro sobre o mar era uma maravilha da engenharia humana (uma prova de domínio do homem sobre a natureza), agora a arquitetura começa a pensar em parques onde a vegetação original do lugar retoma seu espaço, cobrindo pedaços de ferro do que antes funcionava como trilho de trem. Acredito que a arte, como não podia deixar de ser, não está indiferente a esse movimento e talvez, neste momento, mais do que pensar em deixar marcas no mundo (mais do que pensar o que ficará para o futuro através do gênio artístico), ela esteja bastante dedicada a pensar no modo de se relacionar com esse mundo (na bienal de São Paulo de 2016, uma das principais obras era a do artista Jorge Menna Barreto, na qual um restaurante propunha a reflexão sobre uma

cadeia completa de nutrição, da extração ou plantio dos alimentos até seus caminhos dentro do organismo humano). Esta é uma mudança de perspectiva que parece igualmente presente na prática da caminhada como propositora de estados poéticos de criação. Por esse motivo e a seu modo, essa é também a inclinação de **O devagar e o antes**: a de se entender como parte de um todo num mergulho em uma existência que prescinde de nós.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. WMF Martins Fontes, 15 de agosto de 2018.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Cultura e Barbárie, 1 de janeiro de 2018.

MONFORTE, Luiz Guimarães. **Fotografia pensante**. Senac, 1997.

OZ, Amos. **A caixa-preta**. Companhia das Letras, 8 de dezembro de 1993.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. Martins Fontes, 1 de janeiro de 2010.

NOSTALGIA DA LUZ – direção e roteiro: Patricio Guzmán – Coprodução: França, Alemanha, Chile e Espanha, 2010. 90 minutos, ntsc, dolby digital (legendas em português), cor, formato 1:85.

A TERRA É REDONDA 9º episódio (30 de junho de 2020): Enigma submarino – podcast de ciência da revista Piauí – apresentação: Bernardo Esteves – produção: Rádio Novelo – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6JPtQ462dU>. Acessado em: julho de 2020.

VINTE MIL LÉGUAS 1º episódio (24 de agosto de 2020) – podcast de ciências e livros – roteiro, pesquisa e apresentação: Leda Cartum e Sofia Netrovski – produção: revista Quatro cinco um em parceria com a livraria Megafauna – apoio Instituto Serrapilheira – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TybC_onaLho. Acessado em: agosto de 2020.

A CABALA DO MAR – live realizada no dia 14 de abril de 2020 – autor: rabino Dudu Levinzon – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ukOzT7b_dc. Acessado em: julho de 2020.

BLUE PLANET II – programa de televisão produzido pela BBC Natural History Unit (NHU), BBC Studios e OceanX Media, 2017. 364 minutos, dts dolby digital, cor, formato 1.78:1.

o devagar e o antes



Eu estava com você em um lugar indefinível, que se deslocava no céu (embora não parecesse um avião). E eu perguntava se você achava que seria gostoso saltar, sem paraquedas mesmo, sem preocupação de onde se vai chegar, ou de sobreviver... simplesmente saltar. E você me falava que achava que devia ser maravilhoso.

E eu saltava. Ficava um tempo caindo (mas não era desesperador), e aí avistava o mar e pensava “bom, isso vai doer um bocado e acho que vou morrer”. Mas aí se formava um tecido elástico infinitamente flexível (e dourado) abaixo de mim que ia esticando, esticando, até tornar o choque imperceptível... e eu mergulhava no mar.

Nadava um tanto, achava estranho as ondas quebrando em alto mar, mas aí percebia que estava perto de uma praia, e que nessa praia existiam pessoas (eu sabia também que era uma praia muito longínqua, do outro lado do mundo). Eu ia de caroninha com as ondas, até chegar à areia, e ficava um tempo tentando entender onde estava. E entendia que era uma praia na qual estavam apenas pessoas que passaram por situações limites, daquelas que mudam tudo.

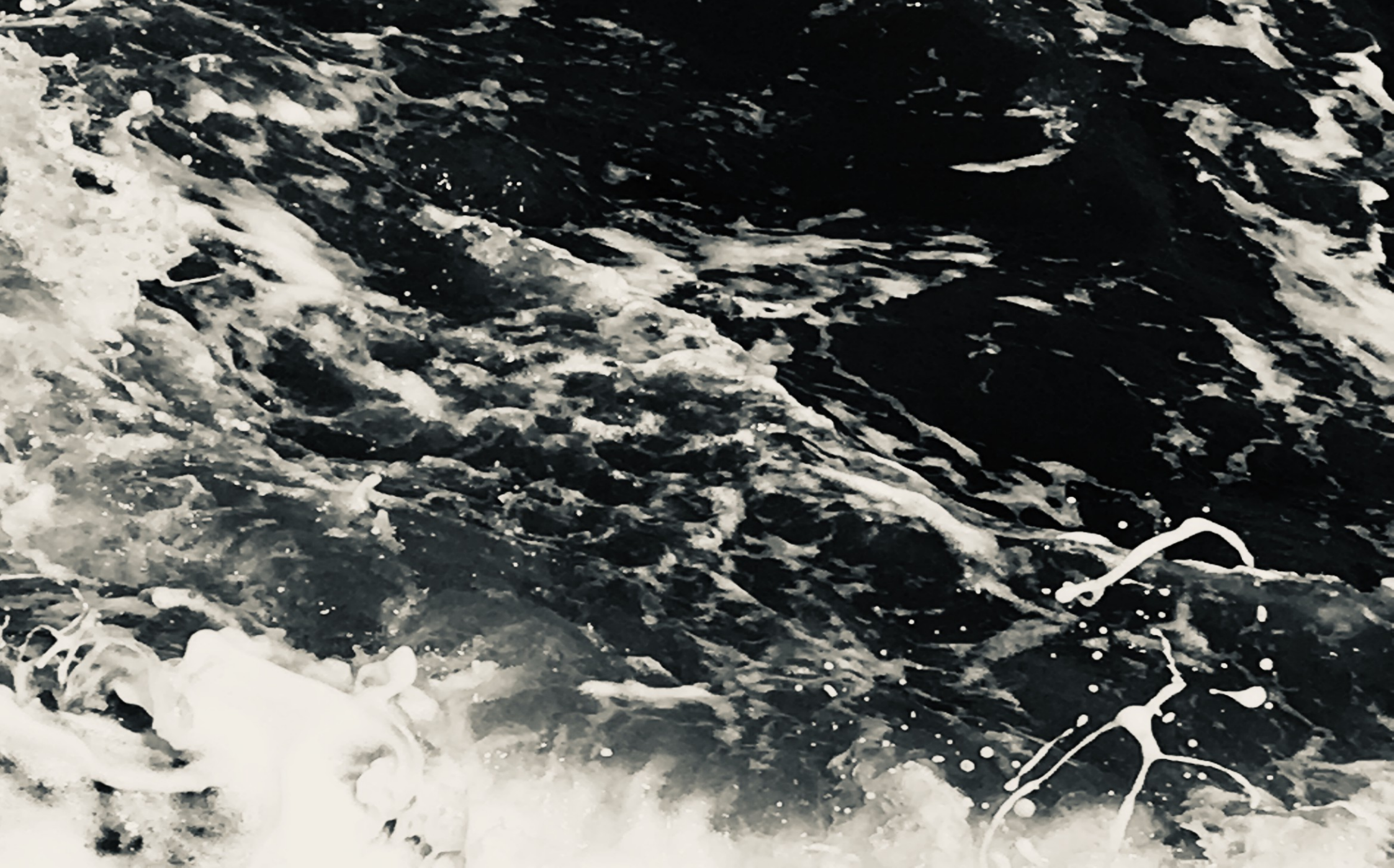
A partir daí, o sonho virava um pouco investigativo porque eu ficava tentando entender... e aí eu já não lembro muito bem.

Mas lembro que em algum momento eu precisava muito falar com uma planta que estava na orla, logo depois da areia (a praia era: mar, uma faixa bem estreita de areia, umas plantinhas atrás dessa areia e depois um

rochedo alto... parecia um pouco a praia de Tulum, em que a gente esteve lá no México). Mas eu não conseguia achar a plantinha (que era um tomateiro)... até que entendia que ela estava submersa pela maré, e que eu tinha que esperar a maré baixar.

E eu sabia que a maré ia baixar.





Ipanema, janeiro de 2015, aproximadamente 6hs da manhã

Saio da água gelada com o corpo inteiro vivo, pulsante, em estado de alerta e perigo de vida máxima, tremendo mais de êxtase que de frio.

À minha espera, um guarda-vidas (assim ele disse, ao invés de salva-vidas, como eu sempre soube) furioso.

Se eu não o tinha ouvido chamar uma e outra e outra vez. Não, não tinha, que ele me desculpasse (mas o som das ondas me tornara impossível a percepção de tão ínfima manifestação humana, calei no pensamento).

Se eu não havia percebido passar a linha da rebentação. Pois claro que sim, se o desejo não foi justamente o de passar a linha da fúria e dos caldos para me deleitar onde as ondas se tornam lisas e volumosas, delicadas no acalantar, e perfeitas para brincar de jangada à deriva, meu corpo subindo até o cimo, e então um efemérrimo vácuo no instante exato antes da queda, quando a onda desiste da extensão do corpo para que ele tombe quase que suavemente em seu vale (dessa vez, porém, achei por bem calar essas considerações para não irritá-lo).

Se eu não tinha tido dificuldade para voltar à areia. Alguma. E se eu nadava bem. Não muito, pra falar a verdade. Na última vez em que tentei aprender, o instrutor perguntou se eu sabia nadar. Claro que sim, no mar nasci! Pois então mostre o que sabe fazer. Ao final do quê, ele me enviou diretamente para a piscina das

crianças, onde a água não passava da minha cintura. Humilhada no mais profundo do meu ser, não hesitei em nunca mais voltar.

O guarda-vidas não achou graça na anedota.

Se eu sabia, por fim, que metade das pessoas que se afogam acreditam que são exímias nadadoras. Não, não sabia, mas veja você que não é o meu caso.

Ele voltou a não rir.

Da conversa com o salva-vidas (velhos hábitos demoram a morrer) nesse início de manhã de um ano já longuínquo:

Quando uma pessoa está se afogando no mar, em grande parte das vezes, se ela sair do estado de pânico em que se encontra, o mais provável é que consiga perceber o chão de areia sob seus pés.

Isso é o mesmo que dizer que a maioria das pessoas, na realidade, se afoga no raso. São seus próprios movimentos aflitos e precipitados, e não os das águas, o que faz com que elas afundem.

Because I do not hope to turn again

A outra situação de perigo maior provém das chamadas correntes de retorno.

As correntes de retorno podem ser definidas como o refluxo do volume de água que regressa da costa para o oceano, em virtude da força gravitacional (a partir do que já se pode imaginar o poder de arraste dessas correntezas). Quanto maiores as ondas em direção à praia, maior o volume de água que precisa voltar. Entretanto, o próprio despejar contínuo das ondas cria uma barreira para que isso aconteça, de modo que, para romper esse impasse, duas correntezas laterais contrárias, paralelas à orla e abaixo da superfície do mar, chocam-se uma contra a outra cavando na areia um canal profundo em direção ao oceano. Trata-se de um fenômeno extre-

mamente difícil de ser reconhecido por ocorrer abaixo da linha de tudo que nos é visível. A bem dizer, ele aparenta seu contrário: uma região mais calma do mar, de águas muito tranquilas com pequenas trepidações em sua superfície e uma tonalidade levemente escurecida (devido à sua profundidade cada vez maior). No entanto, por baixo dessa falsa calmaria, as duas correntezas que colidem criam um embate de tal ordem que os corpos que por ali passarem serão inevitavelmente arrastados para alto mar.

Cabe a eles apenas se saberem arrastados, e a entrega.

*Because I do not hope
Because I do not hope to turn*

As correntes de retorno costumam ser mais rápidas do que o recorde olímpico de natação. Ou seja, ninguém sem equipamento consegue voltar por elas, nem o maior nadador do mundo. Tentar nadar de volta à praia é um confronto sem esperanças, uma guerra perdida (e não das que valem a pena).

Mas é possível boiar, e se deixar levar pelo mar na direção para a qual ele convida.

Entretanto, o que costuma acontecer é que a pessoa, quando percebe que não consegue voltar, entra em verdadeiro estado de terror. Ela possivelmente poderia passar horas boiando (a não ser que a água estivesse muito fria), mas sente todos os seus músculos enrijecerem e começa a perder flutuação. Por puro desespero.

Aliás, é desse modo que os salva-vidas costumam identificar potenciais vítimas de afogamento: observando a perda de sua capacidade humana inata para flutuar sobre as águas,

Because I do not hope to know again

para plainar.

Tal como uma gaivota nos momentos em que para no ar, nos momentos em que sua força parece ser exatamente igual à do vento.

Um estado de equilíbrio de forças, de imobilidade dentro do mar.

Nele, e apenas nele, é possível respirar e encontrar uma rota de fuga.

Because I do not think

Because I know I shall not know

Sendo a primeira tão somente gritar por socorro e pedir ajuda acenando os braços. Uma opção um pouco mais complicada do que aparenta ser. Antes de mais nada, porque ela depende de existir alguém por perto que rece-

ba esses sinais e esteja apto para atendê-los. Além disso, parece que a maioria das pessoas deixa para pedir ajuda quando já mal consegue levantar os braços, determinação que parece estúpida, mas de uma estupidez cristalinamente familiar. Interessante notar que, se não é recomendado chegar a um estado de exaustão para pedir ajuda, esse mesmo estado é muitas vezes esperado e até mesmo provocado pelos salva-vidas, que assim são instruídos, caso a vítima se mostre exasperada e passível de levar ambos para o fundo do mar. Cada vez que a vítima tentar agarrá-lo, o salva-vidas deve submergir, pois, em seu legítimo afã por se manter acima da superfície, ela imediatamente o soltará e continuará se debatendo rumo à fadiga e, portanto, ao resgate. Socos, chutes, torções e empurrões, para tal fim, estão em desuso.

*Because I know that time is always time
And place is always and only place
And what is actual is actual only for one time
And only for one place
I rejoice that things are as they are*

A segunda opção, sendo essa apenas para bons esportistas, é nadar não contra a corrente mas transversalmente a ela. Ou seja, em diagonal rumo à orla. Desse modo, a pessoa muito aos poucos consegue escapar do

repuxo ganhando pequenos deslocamentos em direção à praia.

Porém, trata-se de uma tentativa que não deve ser feita caso o nadador não domine realmente os movimentos ou já esteja cansado. Ou ainda caso o domínio lhe escape: estando a água muito fria, ela enrijecerá por conta própria seus músculos, não importa o quão sereno ele se imagine.

*Because I can not hope to turn again
Consequently I rejoice, having to construct something
Upon which to rejoice*

Resta, por fim, a opção mais assustadora, porém a que fará mais sentido, ou ao menos a que será mais possível, na maior parte das vezes: Resta à pessoa mergulhar e nadar, ou, que seja, apenas se impulsionar, para o lado, abandonando a zona de conflito intenso em que se encontra. Isso tampouco será fácil.

Primeiro porque o conflito, em pleno e robusto auge de sua manifestação, a convocará de volta incansavelmente com todo o seu apelo de confronto não resolvido na ânsia de sua própria resolução, que não se sabe impossível. Isso acontecerá em eterno retorno até que o nó da correnteza possa ser afrouxado, embora não pela vontade manifesta da pessoa, não importa quão determinada ela seja.

Segundo porque se mover para o lado significa enfrentar a região em que as ondas mais violentas estão estourando; significa engolir muita água, possivelmente ser arrastado e perder o controle de seu corpo, de seus movimentos, de suas direções, intenções, decisões, de seu deslocamento, seu balanço, seus impulsos, ritmo e tempo.

Mas, em algum momento, o próprio mar te empurrará de volta para a praia.

*And I pray that I may forget
These matters that with myself I too much discuss
Too much explain*

Because I do not hope to turn again



Teach us to care and not to care

Teach us to sit still











Uma cadeia montanhosa desenhada na areia

Passos no topo, tocando o céu

Pegadas beirando palavras



CARTA DE DORIVAL CAYMMI PARA JORGE AMADO

Jorge, meu irmão, são onze e trinta da manhã e terminei de compor uma linda canção para Yemanjá, pois o reflexo do sol desenha seu manto em nosso mar, aqui na Pedra da Sereia. Quantas canções compus para Janaína, nem eu mesmo sei, é minha mãe, dela nasci. Talvez Stela saiba, ela sabe tudo, que mulher, duas iguais não existem, que foi que eu fiz de bom para merecê-la? Ela te manda um beijo, outro para Zélia e eu morro de saudade de vocês.

Quando vierem, me tragam um pano africano para eu fazer uma túnica e ficar irresistível.

Ontem saí com Carybé, fomos buscar Camafeu na Rampa do Mercado, andamos por aí trocando pernas, sentindo os cheiros, tantos, um perfume de vida ao sol, vendo as cores, só de azuis contamos mais de quinze e havia um ocre na parede de uma casa, nem te digo. Então ao voltar, pintei um quadro, tão bonito, irmão, de causar inveja a Graciano. (...)

Se eu tivesse tempo, ia ser pintor, ganhava uma fortuna. O que me falta é tempo para pintar, compor vou compondo devagar e sempre, tu sabes como é, música com pressa é aquela droga que tem às pampas sobrando por aí. O tempo que tenho mal chega para viver: visitar Dona Menininha,

saudar Xangô, conversar com Mirabeau, me aconselhar com Celestino sobre como investir o dinheiro que não tenho e nunca terei, graças a Deus, ouvir Carybé mentir, andar nas ruas, olhar o mar, não fazer nada e tantas outras obrigações que me ocupam o dia inteiro. Cadê tempo pra pintar? (...)

Pois ontem, às quatro da tarde, um pouco mais ou menos, saí com Carybé e Camafeu a te procurar e não te encontrando, indagamos: que faz ele que não está aqui se aqui é seu lugar? A lua de Londres, já dizia um poeta lusitano que li numa antologia de meu tempo de menino, é merencória. A daqui é aquela lua. Por que foi ele para a Inglaterra? Não é inglês, nem nada, que faz em Londres? Um bom filho-da-puta é o que ele é, nosso irmãozinho.

Sabes que vendi a casa da Pedra da Sereia? Pois vendi. Fizeram um edifício medonho bem em cima dela e anunciaram nos jornais: venha ser vizinho de Dorival Caymmi. Então fiquei retado e vendi a casa, comprei um apartamento na Pituba, vou ser vizinho de James e de João Ubaldo, daquelas duas línguas viperinas, veja que irresponsabilidade a minha.

Mas hoje, antes de me mudar, fiz essa canção para Yemanjá que fala em peixe e em vento, em saveiro e no mestre do saveiro, no mar da Bahia. Nunca soube falar de outras coisas. Dessas e de mulher.

Dora, Marina, Adalgisa, Anália, Rosa morena, como vais morena Rosa, quantas outras e todas, como sabes, são a minha Stela com quem um dia me casei te tendo de padrinho.

A bênção, meu padrinho, Oxóssi te proteja nessas inglaterras, um beijo para Zélia, não esqueçam de trazer meu pano africano, volte logo, tua casa é aqui e eu sou teu irmão Caymmi.



REGISTRO DE CAMINHADA À BEIRA-MAR

Areias negras e douradas chamam minha atenção. Lembram algo que a memória quase alcança, mas não agarra. Algo com uma areia dourada escorrendo... Um brinquedo? Um enfeite, quem sabe? Era uma areia dourada artificial... (que não chegava, entretanto, a ser purpurina).

Essa aqui também é artificial, o dourado não é dela, vem do sol (o que, pensando bem, não a torna artificial; senão tudo seria). Mas as areias douradas não são nada (ou não são tanto) sem os grãos negros (os que se mantêm negros sob o mesmo sol). São eles que delineiam esses quadros de quase memória.

Agora brinco de grande demiurgo. Crio um caminho na areia molhada (por onde o mar passara há pouco) e toda uma população de grãozinhos migra por essa senda. Acham seu território, armam tendas e se estabelecem. Até que engendro um terremoto e eles se deslocam. Crio desertos quando pressiono meu pé fortemente contra o chão fazendo com que a água se retire para outro lugar mas que a areia permaneça. Também tento arquitetar morros (imagino que seria uma paisagem bonita para os grãos, um vale cercado de belas construções rochosas), mas eles não se estabilizam - o terreno é muito instável, pantanoso.

Enquanto isso, sinto o calcanhar do outro pé afundando numa espécie de diminuta areia movediça, sensação que sempre me causa um prazer grande e inexplicável (desses de a sós consigo mesmo – com sorte e a devida dose de intimidade, passíveis de serem compartilhados apenas para que se receba aquela pequena repreensão sorridente da ordem das ternuras pelas idiossincrasias dos nossos amores).



A primeira vez que eu vi o mar
eu não o devo ter visto
talvez tenha sido pouco depois do meu avô morrer
meu avô que eu não conheci

Imagino-a entrando aos poucos na água
os olhos fundos do luto de muitos dias e noites de vazante
a água fria demais para fim de janeiro
a barriga pequena para cinco meses

Imagino que me encolho quando a água bate em seu umbigo
reflexo do tremor que percorre seu corpo
e que ela não percebe
os olhos rasos do luto de muitos dias e noites de vazante
opacos na distância do horizonte

ela inspira

eu volto a expandir

suas águas abrindo espaço entre as formas que agora me compõem
formas prenes da vida que virá - maremotos, naufrágios, gozos, marés, encantos, estupefações, vazantes
também

Suas águas têm a temperatura exata do meu corpo

e são elas que serão buscadas toda vez que eu sentir medo, frio ou saudade

(a água que ora alcança seu peito não está mais fria

Ela empresta seu calor ao mar

como empresta a mim)

uma onda mais forte

e dessa vez eu chuto

talvez pela primeira vez
(e ela não percebe)
para lembrar que estou aqui e posso acalentá-la
e que não a deixarei só, embora com a ausência eu nada possa

(O sol apenas começa a se pôr, ainda um longo caminho pela frente
e ela está tão linda
Por que chegaria a noite?)

Ela sempre amara as praias daqui
enseadas protegidas, recônditas
suas águas não tão verdes, mas ela gostava de separar os tons de cinza e reconhecer suas tênues variações:
cinza azulado, cinza azul-esverdeado com toques de dourado.
Mar espelho partilhando segredos do céu.

O mar aberto lhe parecia hostil, mar sem tempo, de si para si

Ela gostava de limitar seu horizonte pela linha continuada de árvores e rochedos formando um círculo completo. seu corpo como eixo. lhe parecia excessivamente alheia uma reta curvilínea que transcende o que seu olhar pode apreender

Ela não sabe nadar, sempre tivera medo de mergulhar a cabeça
deixar-se estar inteira submersa
como eu estava
eu lhe conto do prazer
ela sorri e afunda
volta num susto
respirando de uma vez todo o ar que prometera faltar

eu pego sua mão
e mergulhamos
dessa vez lentamente

procurando a doçura da água a meu redor
Ela, então, permanece. Abre os olhos. Pensou que arderia mais.
Ela consegue estar de olhos abertos e isso a espanta embora não seja possível enxergar nada,
apenas um cinza esverdeado profundo
Foi o primeiro que vi e desse modo nasceram meus olhos.

Ela retorna à superfície. Agora os olhos ardem mais. E o horizonte está embaçado.

O gosto de sal lhe recorda as lágrimas que haviam desaparecido submersas em sua igual matéria
seus olhos afundam ainda uma vez, vazante recolhida
os meus se fecham ensonados na oscilação do mar

Solução

talvez pela primeira vez

talvez ela perceba

e somos as duas embaladas pelo vaivém das águas
útero dentro do útero
refúgio





Ele me contou que morava a menos de dez quilômetros do mar
que de sua janela podia avistar um pedaço apenas seu de oceano

e que, no entanto, jamais pudera tocá-lo

nem as palmas em sua areia
nem o ventre em suas águas
nem o rosto em seus vapores
o cheiro, sim, esse lhe chegava adivinhado
assim como os sons no vento de maresia

era um quase sentir
carregado de anseio e espera
de raiva também

sua casa em uma cidade palestina
o acesso ao mar negado por cerca, bomba ou tanques

(nem sempre é fácil pousar a ideia de opressão
pássaro em voo agitado dentro da sala fechada
Ele não foge pela janela que escancarou
pousa na mesa com a asa machucada
me fita muito sério
e rebenta para fora, agora certo de seu caminho)

Ele saiu de seu país
de sua janela apartada do mar

Tinha 23 anos e finalmente pôde encontrá-lo
olhos nos olhos, respiração na respiração
insondável
(embora, sim, ele tenha adivinhado seu cheiro com precisão)
a garganta recebendo gotículas de sal ainda na faixa de areia
O gosto já em sua boca.

Ele se sentou.

O dia estava apenas nascendo, a paisagem se revelando pouco a pouco o som que o envolvia era de cantiga velha.

Ele não dormira à noite, apressado enfim depois dos anos de interdição.

Saíra do trabalho de madrugada e fora direto para lá.

Estava quase entregue, mas ao mesmo tempo alerta

como se pudesse atentar para um sonho de dentro do próprio sonho – em soprando, começaria um vendaval.

Suas mãos apoiadas na areia cavavam suavemente, em câmera lenta,
quatro, oito sendas do tamanho exato de seus dedos.

Depois, com mais empenho, cavou com os pés dois moldes perfeitos para o encaixe das pernas
e jogou a areia retirada por cima delas até imobilizá-las com dois gessos ocres.

Por fim, quis deitar.

Pernas enterradas, as mãos agora seguravam punhados inteiros de areia que não escorriam pela pequena abertura entre os dedos

O tempo não lhe escapava.
a areia estava úmida. fria também.

O dia se tornou mais claro e o fez sentar novamente
Seu corpo inteiro coberto de areia o tornava íntimo da terra
e assim se deixou ficar

Tão embevecido estava com sons, cores, movimentos, odores (agora mais variados do que os que tinha presenciado), sabores, brilhos, texturas e miragens (uma espuma atrás da rocha bem podia ser uma sereia a fitá-lo, pronta para abrir mão de seu mundo para, no amor humano, fabular sua alma imortal),
que não viu de onde veio, como veio, por que veio,
nem para onde foi,
aquela onda que lhe inundou por inteiro.

(se estivesse no rochedo teria sido arrastado
mas estava em terra firme
embora já tivesse enviado olhares lascivos para as pedras próximas)

Ele riu, riu alto

ainda estava com seu figurino de trabalho e não havia ninguém por perto para compartilhar o acontecido
nem celular, nem carteira
era ele e o mar
bem podia também estar nu
(talvez a sereia assim o tenha visto e assim o tenha amado)

Ele decide atender ao chamado e entra de uma vez no oceano.
Suas roupas cada vez mais pesadas não impedindo a entrega.
Brinca que nem criança, prometendo só desistir na hora em que não puder mais
joga água nos amigos que não estão lá
experimenta boiar e afunda
é derrubado (embarcação acometida) por uma onda maliciosa
abre os olhos embaixo d'água para descobrir o ardor
faz bolhinhas soprando na superfície
faz bolhinhas impulsionando o corpo para cima e as duas mãos em concha para baixo
pula para cair no cheio da onda
tenta furar por baixo e erra o cálculo engolindo muita e muita água

tem sede
não cede
recebe pancada de tudo que é jeito
e parte feliz
saciado
amante de noite inteira
Vai saindo aos poucos, suas roupas querendo ficar.

Em seguida se dirige ao hotel que fica perto, a poucas quadras dali
o porteiro nada pergunta.
Ele tira a roupa no banheiro, sem se preocupar em esticá-la, secá-la ou preservá-la
Coisas mais importantes ocupam sua alma.
Toma um banho de água morna e doce
nunca um banho havia sido tão gostoso
E ri mais uma vez do mar. O mar era muito engraçado.
Depois deita
e tem a mais curiosa das sensações

Sente seu corpo inteiro afundando na areia-mar da cama.

mas não se trata de uma ideia ou de uma imagem
é uma sensação palpável (talvez a mais palpável das sensações que jamais tivera)
ondeante em cada partícula do seu corpo

Era fechar os olhos e afundar
como sequer havia chegado a fazer
como sequer seria possível fazer
a não ser num sonho de mar

Ele chegava a abrir os olhos de assustado
tão real a sensação
tão despertos os sentidos
que, no entanto, estavam em repouso

mas logo sentia saudade de imergir e voltava a fechar os olhos.

Sentiu que tinha água na cabeça

que a água entrara em seu corpo e agora ocupava todo o seu ser

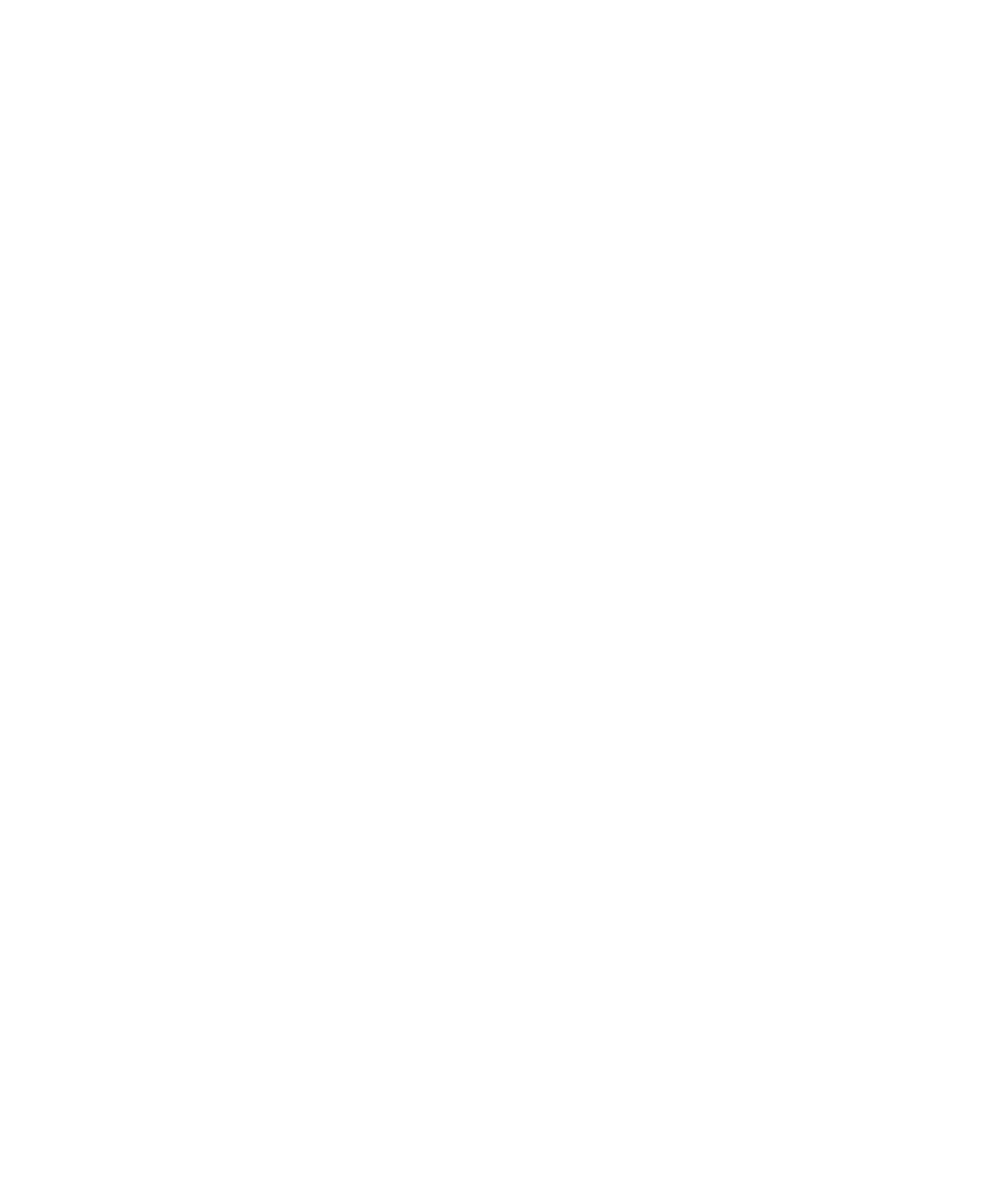
Teve dúvidas de se acordaria gente ou oceano

não se importou

Fechou os olhos novamente e sonhou com a janela de sua casa.







as ondas não quebram só na areia

muito menos apenas nos meus pés

embaixo deles existe o mundo



O navio dele, chegou o dia de ir. O Aldaz Navegante ficou batendo o lenço branco, extrínseco, dentro do indo-se embora do navio. O navio foi saindo do perto para o longe, mas o Aldaz Navegante não dava as costas para a gente, para trás. A gente também inclusive batia os lenços brancos. Por fim, não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto de mar. Então, um pensou e disse: – “Ele vai descobrir os lugares, que nós não vamos nunca descobrir...” Então e então, outro disse: – Ele vai descobrir os lugares, depois ele nunca vai voltar...” Então, mais, outro pensou, pensou, esférico, e disse: – Ele deve de ter, então, a alguma raiva de nós, dentro dele, sem saber...”







Eu então me mudei para um apartamento cuja janela do quarto ficava bem em cima de uma avenida muito movimentada.

Todo dia eu acordava com o barulho do mar.

*Lady of silences
Calm and distressed
Torn and most whole*

As ondas adentrando a fronteira entre sonho e sentido.

*Rose of memory
Rose of forgetfulness
Exhausted and life-giving
Worried reposeful*

Não sabia se estava na Praia da Fortaleza, suas águas quase doces e translúcidas na praia Vermelha procurando uma concha rosa da cor da minha unha

jogando bola de gude com meu irmão e meus primos nas areias de Paquetá
aprendendo a pular ondas de mãos dadas com meu pai na praia do Gonzaga
ou entrevendo meu corpo em Juquehy.

*The single Rose
Is now the Garden
Where all loves end*

Não sabia que dia de janeiro, quiçá fevereiro, talvez nem tivesse passado o natal. Seria ano passado?

*Terminate torment
Of love unsatisfied*

Mas, aos poucos, eu podia distinguir. O som dos freios. Uma buzina alarmada. E, de repente, estava claro: os ônibus já haviam despertado.

*The greater torment
Of love satisfied*

Bastante antes de mim. E pregavam a mesma peça todo dia. Eu quase podia escutá-los gargalhando entre si, com piscadelas cúmplices e até uma certa compaixão. Como pode ser que ela caia sempre? Eu caía.

*End of the endless journey to no end
Conclusion of all that is inconclusible*

E nunca foi possível constatar isso sem uma profunda decepção. Em dias mal-humorados, eu chegava mesmo a ficar transtornada. Aquilo me irritava sobremaneira. Toda manhã. Sem que eu parecesse aprender sobre a prática e os devaneios.

Em seguida, ralhava comigo: Que te importa a origem do som desde que ele embale teu sono? Então a imaginação não pode mais? A experiência não é mais forte que o conceito?

*Speech without word and
Word of no speech*

Depois tentava voltar a dormir até o despertador cumprir sua parte no acordo pândego – eles certa-

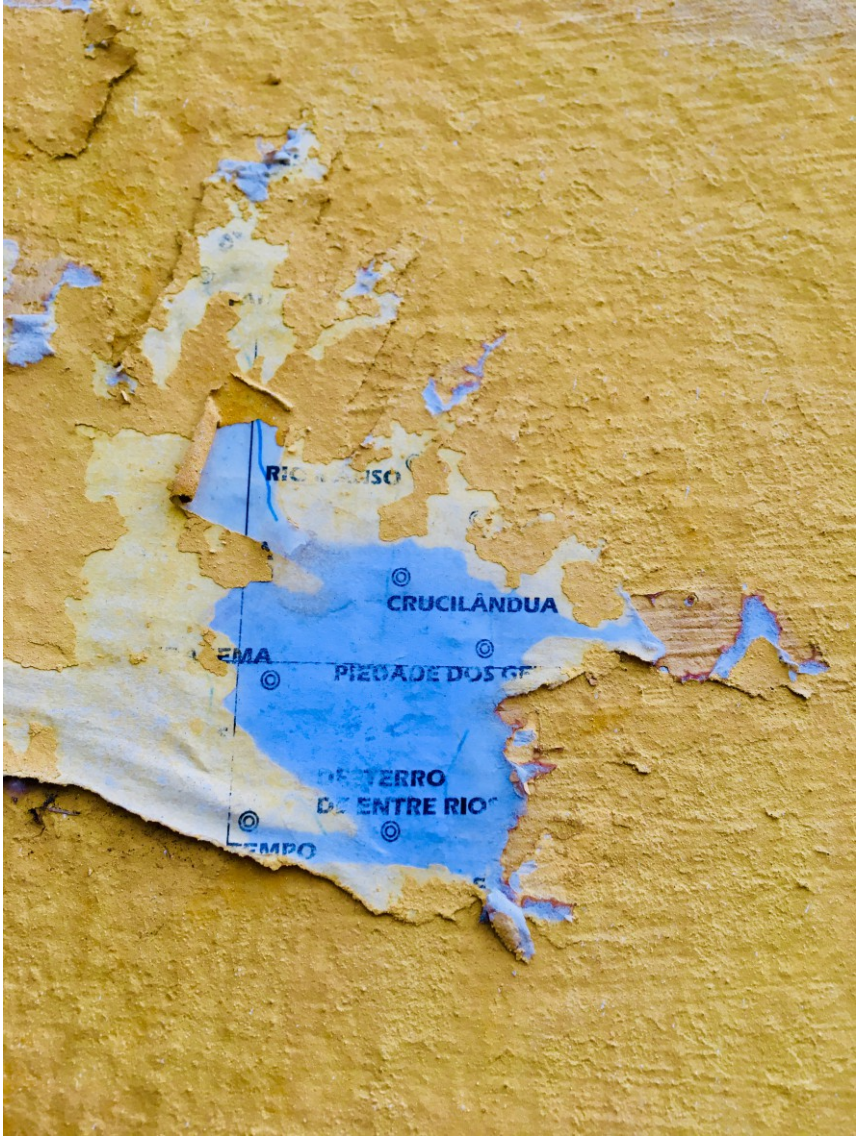
mente estariam de conluio – e me lembrar que a vigília tem suas regras próprias (eu precisando de meia hora antes de reconhecer as belezas do dia e abandonar o intratável matinal).

*Grace to the Mother
For the Garden
Where all love ends.*

Porém, não era possível. Uma vez percebido o embuste, eu nunca consegui, nem uma única vez, nos três anos e cinco meses em que vivi por lá – embora tenha tentado obstinadamente – voltar ao mar. Pior: era como se eu não o conhecesse; nunca tivesse visto um desenho, uma foto, nada (existirá alguém que nunca viu o mar?). Era eu. Eu estava há muitos mil quilômetros de qualquer coisa que remetesse remotamente ao oceano. E, por mais que tentasse, não me vinha uma única imagem; tampouco sensação. Uma marola tímida, quem sabe. Um embalar difuso.

Não.

Desfeita a ilusão, apenas os ônibus em seu igual fluxo contínuo.

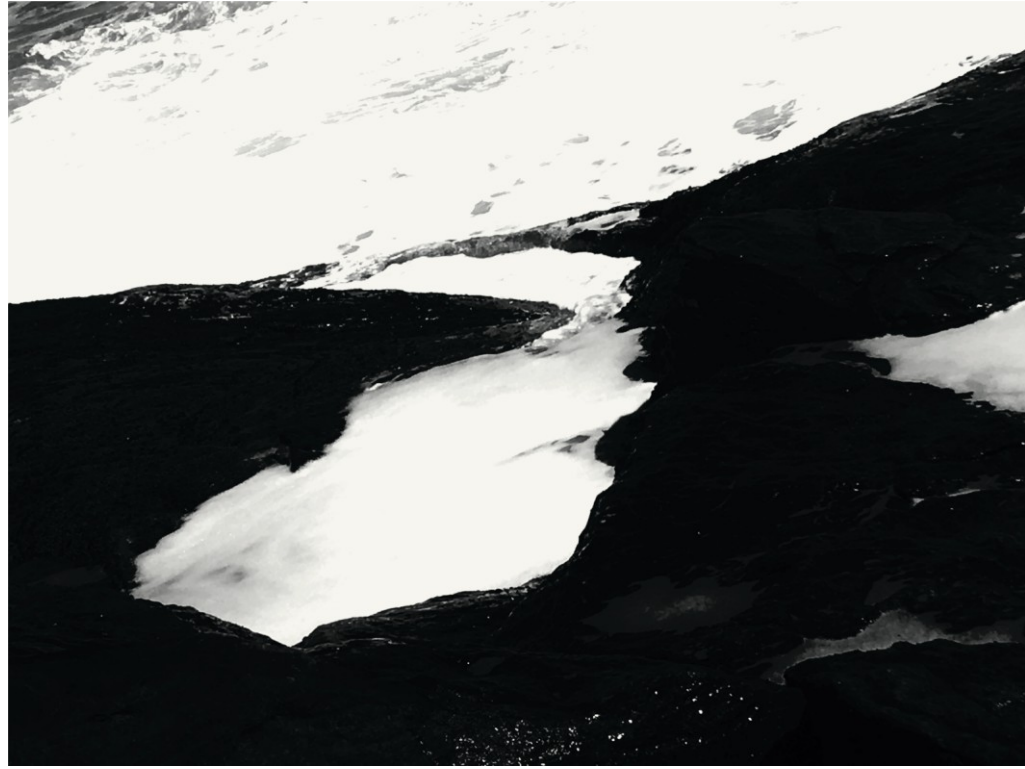




Pois então, meu amor, não apenas eu sigo aqui, como a questão que nos fica é precisamente essa: como seguir, afinal? Como seguir depois de tudo? Ou seria antes de tudo? Já não sei mais. Sei que você está na mesma, padecendo dos mesmos infortúnios. Eu posso te ouvir. Eu realmente posso. É fácil, na verdade. Eu posso ouvir muitas coisas. Posso ouvir seres próximos a mim, mesmo que eu viva sozinha no fundo desta embarcação. O barco é de madeira; os sons se propagam docemente, sussurrados. Fosse de metal e a guerra estaria cumprida, quem sabe. Mas não, eu sigo tentando decifrar cada estalido, e talvez seja melhor assim. Se tem que existir uma guerra, que ela não se cumpra de maneira equivocada. E as guerras, elas são muitas e sempre. E eu me pergunto se haverá uma maior e se eu saberei entender.

Eu posso ouvi-los lá em cima, meu amado. Às vezes são risadas ou gritos, não importa, realmente parece a mesma coisa. Lá em cima a vida se insinua tão normal; aqui embaixo a água sobe dia após dia. No começo eu sentia apenas o chão úmido; agora, veja você, eu me encontro em cima de uma cadeira cujas pernas certamente já estarão ficando podres. A água não tarda a invadir. Garrafas flutuam ao meu redor, e eu espero apenas pelo momento em que elas viajarão livremente até você levando minhas palavras. E talvez esse momento não seja o registro passado de um triste fim, e sim o anúncio do início da nossa história.

Eu te disse um dia que pertenço ao mar, não disse? Eu pertenço ao mar de que é feita minha matéria e, estando repleta e inundada dele sempre e a cada instante, não tenho como viver o medo de me afogar e sonho com as maiores ondas que você possa imaginar. Eu me assombro, me alongo e me encolho, como uma Alice indecisa e perplexa. Mas, por vezes, mergulho tão fundo que ele se torna uma espécie de lago calmo e transparente onde, sim, eu posso respirar (decididamente eu posso respirar). E eu anseio não pelo dia em que o mar invada esse navio, meu amor, mas pelo dia em que o navio desista de contê-lo.







REGISTRO DE CAMINHADA À BEIRA-MAR

Uma massa de água densa, encorpando e ganhando força para somente então estourar contra as pedras.

Estou sentada sobre uma, não sem algum temor.

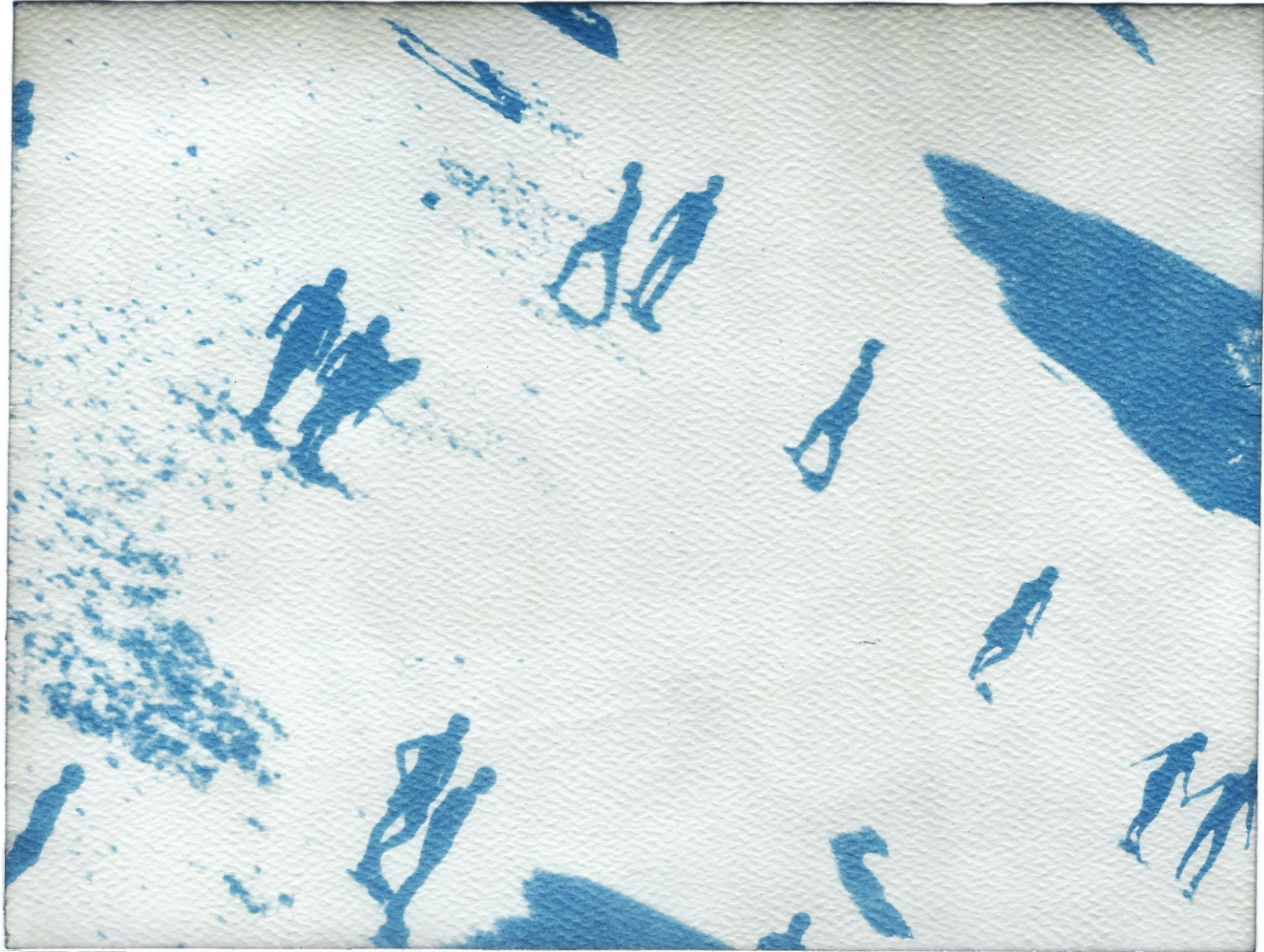
“É preciso uma vez só. Não são necessárias duas ondas”.

Renego esse pensamento rapidamente catalogando-o como mais um medo tentando me afastar de algo belo.

“É preciso uma vez só”. (ouço a voz de minha mãe)

E daí? O oposto do medo não é confiar que nada vai acontecer, é confiar que as coisas têm que acontecer. Ser arrastada por uma onda faz parte. Ralar nas pedras e conchas incrustadas faz parte. Sangrar faz parte. Engolir água até perder o espaço do ar. Perder a noção do tempo do pensamento e do tempo da realidade. Perder os sentidos. Talvez ser salvo. Talvez se salvar sozinho. Talvez não.

Decido levantar.









U m P ã o - d e - A ç ú c a r i n v e n t a d o p e l o m a r
P e r c e b o - o f r a g m e n t o d e m e m ó r i a s e a f e t o s



À minha filha Ruth

*Eu bendigo a procela que em mar alto
Faz-me lutar com a fúria da tormenta,
Como bem digo o sol que me acalenta
Quando em bom porto livremente salto.*

*A terra firme, os pés seguros nesta nova trilha,
Vejo-te minha neste teu bercinho
E, dentre tantos, o mais lindo anjinho.*

*Ouvindo o murmurar constante desta onda amiga,
Eu volto à nau, meu grandioso abrigo,
O olhar distante, a bússola bendita,
Traçando o rumo certa desta minha vida.*

*E vejo, bem ao longe, a estrela que cintila,
O lindo e meigo olhar de minha filha!*

Comandante Hercílio Constantino de Faria, 1914





Estrela do Mar

*Um pequenino grão de areia
Que era um pobre sonhador
Olhando o céu viu uma estrela
E imaginou coisas de amor*

*Passaram anos, muitos anos
Ela no céu e ele no mar
Dizem que nunca o pobrezinho
Pode com ela encontrar*

*Se houve ou se não houve
Alguma coisa entre eles dois
Ninguém soube até hoje explicar
O que há de verdade
É que depois, muito depois
Apareceu a estrela do mar*

(marcha-rancho de muitos carnavais, páscoas e
natais)

Meu bisavô era comandante de navio.

Eu pouco ouvi sobre suas histórias, mas as imagino tantas! Quase todas, porém, submersas em algum pedaço de oceano mais querido por onde ele costumava passar. Algum pedaço só dele em que, toda vez que ele passava, algo acontecia: Uma brisa morna, as águas semissilentes. Era sempre noite quando ele passava por lá, poucas coisas se revelavam na escuridão para além das luzes do navio. Nunca ninguém se aproximava, sabiam uma hora sua. Ele acendia um cigarro, talvez, verificava brevemente se tudo estava em ordem ao seu redor, era sempre quase hora de se retirar, o mar já dorme. Foi lá que ele escreveu o poema que dedicou à sua filha. É lá que estão suas histórias.

Eu não sei o nome do seu navio. A bússola que ele usava ficou para a outra filha, irmã de minha avó, e agora floresce em outro ramo.

Eu não sei se suas rotas eram longínquas, se eram diversas ou sempre as mesmas, não sei o que ele transportava (sei que transportou armas clandestinamente na revolução constitucionalista, e isso chegou até mim, minha vó detestando o Getúlio).

Sei que seu porto era o Rio.

Sei também de algumas façanhas (que até me ensinaram termos náuticos): Conta a lenda que ele era o

único comandante que dispensava o práctico e seu rebocador ao entrar no porto de Santos. Para navios de calado alto (a parte mergulhada no mar), esse porto representa um desafio. Existe apenas uma estreita faixa por onde esses navios conseguem entrar sem ficar encalhados. Por esse motivo, é necessária a ajuda de um rebocador, que amarra uma corda ao navio, não para puxá-lo mas para orientá-lo em sua manobra. Pois meu bisavô dispensava a ajuda do guia e adentrava sozinho e orgulhoso o porto de sua segunda terra (terra em que seus netos nasceram, inclusive meu pai, que herdou seu nome – porém sem agá, proibição legal na época – e, desconfio, também seu humor e sua doçura).

Esse é o bisavô querido, louvado nas lendas (em oposição ao outro, mal-humorado, desagradável). Esse, não. Carnavalesco, bonachão, divertido. Também viciado em jogo, mas quem não tem seus pecadinhos? E esse, além do quê, totalmente justificável: Passando tantos dias e meses no mar, a família distante, o *murmurar constante*, que mais poderia ele fazer? Que marujo ou marinheiro nunca esbanjou seus dias a beber, receber vento e sal no rosto, escrever poesia, ocasionalmente lutar contra uma tormenta, e jogar? Assim os dias fluem num recorte de tempo e espaço que pertence somente ao oceano.

Pois de seu vício em jogo proveem os melhores causos, provavelmente porque revisitados à luz do tempo. A oscilação que ele experimentava sobre as ondas se repetia na vida doméstica: a família sem-

pre tendo que se adaptar a uma nova condição, ora na bonança, ora vivendo de favor na casa de alguém. Conta-se que minha bisavó a tudo acompanhou e só teria mesmo perdido a paciência quando ele apostou seu piano querido. Aí já era demais!, e ela foi morar com a filha, minha avó, em Santos. Conta-se também que houve uma fase de fartura que durou muito tempo. Abismada com a constante sorte no jogo, sua irmã perguntou-lhe qual era seu segredo. Meu bisavô, então, não pôde mais e confessou: todas as noites um saci vinha visitá-lo em sonho e lhe soprava um número para que ele jogasse. Era literalmente dito e feito. Mas o saci impusera uma condição: que ele nunca contasse isso a ninguém. E foi assim que, a partir desse momento, o impiedoso saci nunca mais voltou. E foi assim que a vontade de partilha fez com que meu bisavô deixasse de receber tão bem-vinda contribuição. Se o conto parece fantástico, fato é que minha tia lembra claramente dos números rabiscados (às pressas, com letra ensonada) na cabeceira de mármore que ela limpava todas as manhãs.

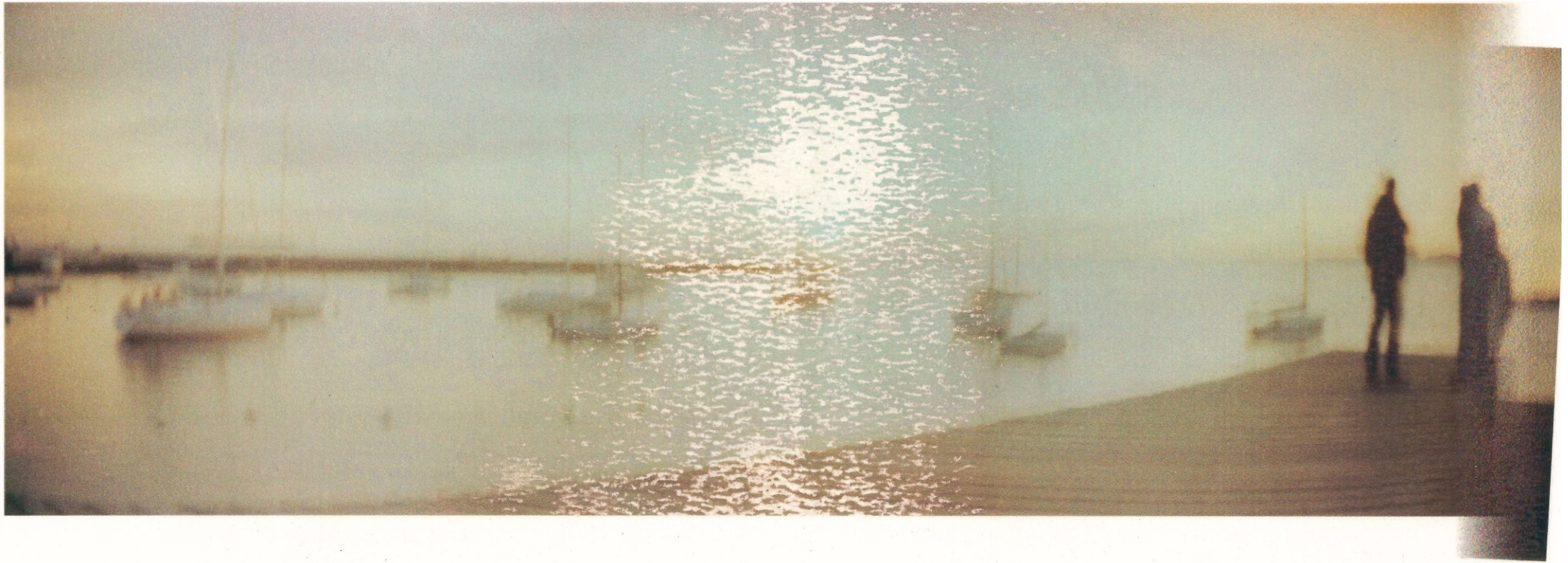
Porém, por mais que transmitam tudo que ficou armazenado na pequena mitologia familiar, sei que essas histórias nunca serão mais do que uma pequena ilha, apenas o cume de alguma grande montanha sob a pele do mar. Dizem que há tantos Everests sob o mar! Eu posso caminhar por essa ilha ou imaginar suas profundezas. Quando eu mergulho, encontro um duplo meu que vive na cidade submersa aos pés dessa montanha.



As coisas da terra são esquisitas. São diferentes das coisas do mar. No mar há monstros e perigos,

mas as coisas bonitas são alegres. Na terra há tristeza dentro das coisas bonitas. - Isso é por causa

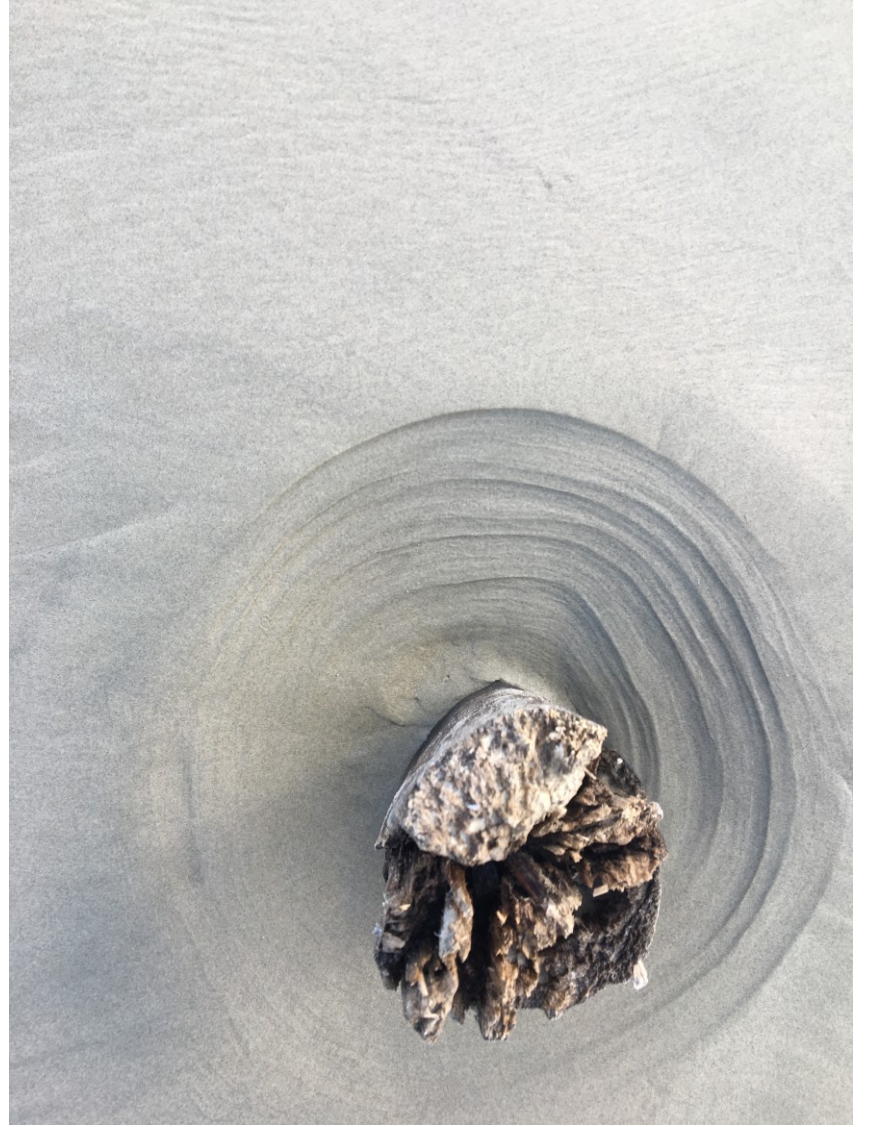
da saudade - disse o rapaz











– “O Aldaz Navegante não gostava de mar! Ele tinha assim mesmo de partir? Ele amava uma moça, magra. Mas o mar veio, em vento, e levou o navio dele, com ele dentro, escrutínio. O Aldaz Navegante não podia nada, só o mar, danado de ao redor, preliminar. O Aldaz Navegante se lembrava muito da moça. O amor é original...”

Ciganinha e Zito sorriram. Riram juntos. – “Nossa! O assunto ainda não parou?” – era Pele voltada, numa porção de flores se escudando. Brejeirinha careteou um “ah!” e quis que continuou: – “... Envém a tripulação... Então, não. Depois, choveu, choveu. O mar se encheu, o esquema, amestrador... O Aldaz Navegante não tinha caminho para correr e fugir, perante, e o navio espedaçado. O navio parambolava... Ele, com o medo, intacto, quase nem tinha tempo de tornar a pensar demais na moça que amava, circunspectos. Ele só a prevaricar... O amor é singular...”

– “E daí?”

– “A moça estava paralela, lá, longe, sozinha, ficada, inclusive, eles dois estavam nas duas pontinhas da saudade... O amor, isto é... O Aldaz Navegante, o perigo era total, titular... não tinha salvação... O Aldaz... O Aldaz...”

– “Sim. E agora? E daí?” – Pele intimava-a.

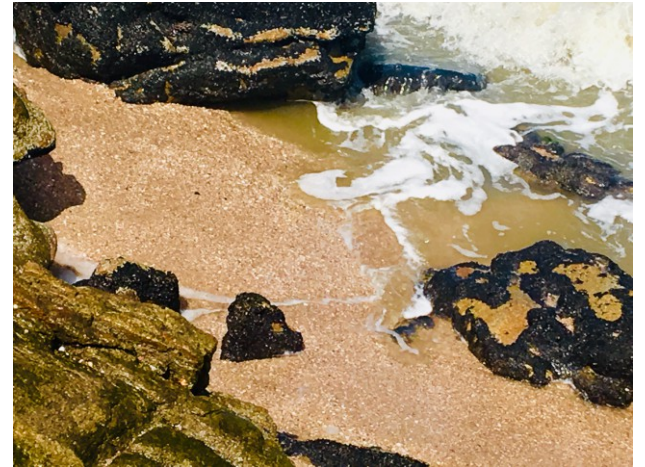
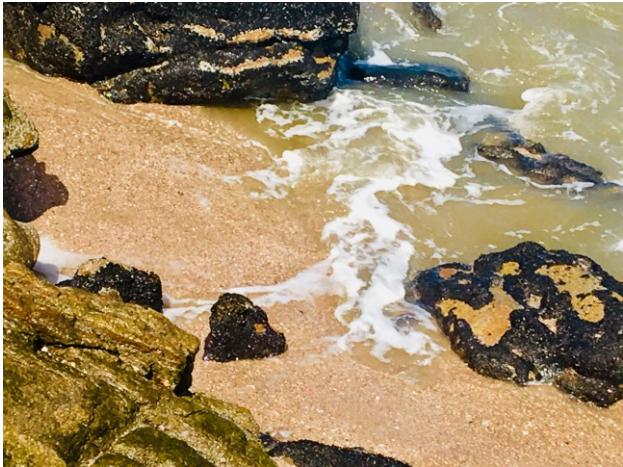
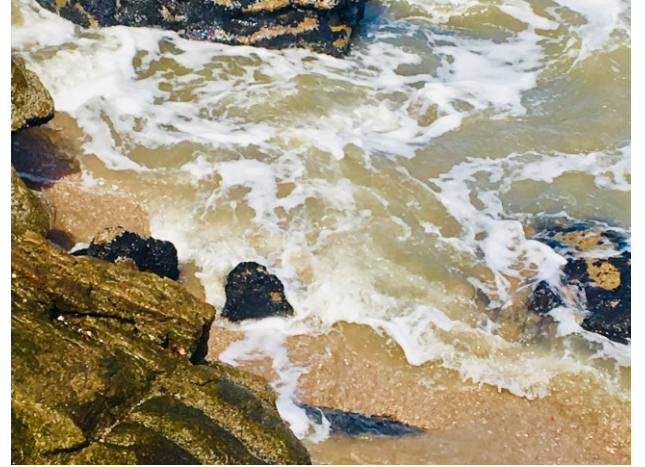
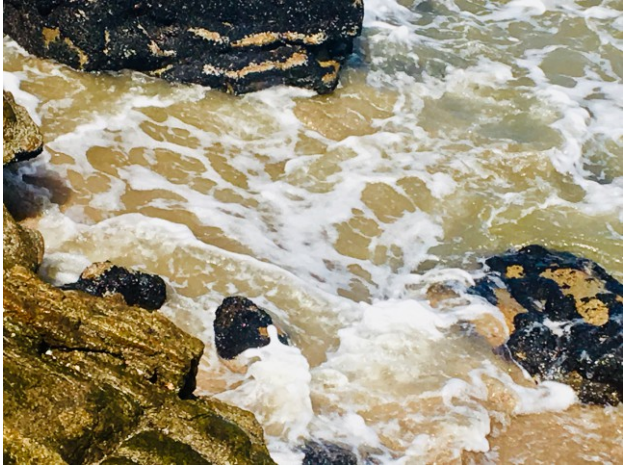
– “Aí? Então... então... Vou fazer explicação! Pronto. Então, ele acendeu a luz do mar. E pronto. Ele estava combinado com o homem do farol... Pronto. E...”

- *“Na-ão. Não vale! Não pode inventar personagem novo, no fim da estória, fu!”*









Reflexão a partir do texto “Destino e caráter”, do livro “O medo da vida”, de Alexander Lowen

O médico e psicoterapeuta Alexander Lowen parte do mito de Édipo para se fazer uma única pergunta fundamental: Se Édipo não tivesse tentado fugir de seu destino, esse destino teria se concretizado? (o mesmo vale para Laio, seu pai e, na realidade, para boa parte dos personagens das tragédias e mitos gregos; aliás, não apenas gregos).

Ao ler esse texto, comecei automaticamente a lembrar de uma série de mitos, e do quanto boa parte deles se depara com essa questão. E me ocorreu, então, um mito que a atravessa de modo diferente: o mito de Abraão. Abraão aceita seu destino e, justamente por isso, consegue transformá-lo – retomarei esse ponto ao final do texto, pois considero importante falar um pouco sobre a conceituação de destino presente no trabalho de Lowen).

Quando o autor discorre sobre o que seria uma possível aceitação do destino, ainda se referindo a Édipo, ele comenta que talvez pudesse ser algo próximo de uma atitude religiosa (“Se esse é o desejo dos deuses, então que seja”). Nesse momento, o conflito é colocado como: vontade dos deuses versus esforços humanos (ou a própria impotência humana diante da vontade dos deuses).

Porém, em nenhum outro momento ele volta a comentar a questão sob um viés religioso. Simplesmente por-

que lhe é indiferente. A matéria a que ele se refere pode ser chamada de “vontade dos deuses”, “força da natureza”, “leis da natureza”, ou o que for. O que está em jogo, de fato, é a fantasia de onipotência humana. É a fantasia, quiçá arrogante ou narcisista, de que o ser humano consegue controlar ou mesmo compreender a vida em todos os seus aspectos, não apenas exteriores a ele como também estruturais de sua psiquê. São estes últimos que vão nos interessar agora.

Esse esforço de controle se dá muitas vezes pela própria tentativa de fuga ou de luta contra algum aspecto nosso, ou do que parece ser nosso destino, que nos é assustador (como acontece no mito de Édipo). Porém, o texto procura demonstrar que precisamente na luta para evitar esse destino temido, o próprio esforço dispendido assegura sua concretização.

O autor ilustra essa ideia com a imagem do nó corrediço, que quanto mais é puxado, mais apertado se torna. Poderíamos também pensar nas armadilhas de caça nas quais quanto mais o animal se movimenta em desespero, na tentativa de escapar, mais enredado ele fica.

E por que isso acontece?

Porque essa tentativa de fuga, ou de confronto, é feita a partir de uma estrutura de caráter que é exatamente a que realiza o que Lowen está chamando de destino.

O destino é, então, definido pelo autor como a própria estrutura de caráter, que pode ser mais ou menos rígida, e que convida a que se realizem determinados aspectos na vida da pessoa.

Essa estrutura de caráter compõe um modo habitual de ser e de se comportar. Ela define um conjunto de ações que são independentes de processos mentais conscientes. Isso quer dizer que não podemos modificar nosso caráter, portanto nosso destino, por meio da ação consciente e da vontade (seria uma luta contra a estrutura de dentro da própria estrutura; portanto, já viciada em padrões de comportamento).

“Todo esforço que fazemos para superar nosso caráter faz parte dele e só resulta numa intensificação de sua estrutura. Isso tem que ser entendido e aceito, antes da mudança ser possível.”

A previsibilidade do destino não se trata, então, de um futuro que está escrito nas estrelas, que está traçado. Também não se trata de falta de livre arbítrio humano. A previsibilidade se dá (não inequivocamente, mas o autor acredita que muito mais frequentemente do que a gente se dá conta ou aceita) através da própria estrutura do ser (assim como, guardadas as enormes diferenças, é possível prever que um avião irá voar, e um carro não, por causa de suas próprias estruturas). Justamente por não sermos máquinas, é importante dizer que Lowen não coloca isso como algo sem saída, sem perspectiva de mudança. Ele não coloca essa estrutura como impossível de ser alterada. Aliás, eu diria que o autor é alguém que acredita profundamente na possibilidade

de transformação (talvez um terapeuta tenha que ser antes de tudo um otimista). Sua questão é qual o caminho possível para essa transformação. Provavelmente uma palavra melhor do que transformação seja flexibilização, pois assim evitamos o imaginário de luta, de realização, de força da vontade, que são os caminhos através dos quais o terapeuta acredita que vão se apertando os nós que garantem os aprisionamentos dentro de nossa própria estrutura.

Lowen usa as palavras flexibilizar, afrouxar, soltar, respirar.

O papel da terapia seria, então, o de ajudar a flexibilizar a estrutura de caráter da pessoa. E essa flexibilização só pode acontecer, segundo o que ele acredita, através da aceitação de si mesmo (o que, paradoxo apenas aparente, não implica, falta de desejo de transformação). O texto desenvolve que um dos aspectos centrais do caráter neurótico é a incapacidade de aceitar a si mesmo.

Lutar contra nossas fraquezas, medos e culpas, se constitui, portanto, numa cilada, na medida em que essa luta acontece dentro do campo da vontade e da realização (estamos novamente abordando a ideia da fantasia humana de controle através da própria atuação direta). Lowen afirma que a mobilização da vontade é, sim, poderosa, mas poderosa somente na ação. Ela pouco pode na modificação do estado interno do ser (ou seja, ela pouco pode contra sentimentos e sensações). Ele cita, então, as propostas de autoajuda, bastante baseadas

na ideia de “querer é poder”: “seja mais agressivo”, “seja mais organizado”, “faça isso”, “faça aquilo”. Não se trata de os conselhos serem bons ou não - alguns são! -, mas de eles serem absolutamente inúteis, posto que não é aí que mora de fato a possibilidade de transformação, e sim no percurso de abrir espaço dentro da própria estrutura do ser.

A vontade não é capaz de mudar sensações e sentimentos, mas ela pode reprimi-los. Entretanto, isso não faz com que eles desapareçam. Eles são apenas empurrados para um nível mais inconsciente. O problema passa a ser, então, internalizado. E esse é outro caminho possível da terapia: trazer a sensação (e o conflito) de volta à consciência para que eles possam ser compreendidos e trabalhados de maneira não neurótica.

Não se pode, simplesmente, passar por cima de um problema que faz parte da nossa personalidade (mais uma vez, reprimi-lo através da mobilização da vontade). O que essa atitude promove é colocar uma parte da pessoa contra a outra (ego, vontade e ação versus inconsciente, sensações e sentimentos).

“O ego, através da vontade, é agilizado contra o corpo e suas sensações.”

Isso provoca um conflito entre dois aspectos da pessoa, ao invés de uma tentativa de harmonização. Ou seja, em última instância, isso destrói a pessoa.

Lutar contra o destino apenas enreda ainda mais a pessoa em seus meandros.

“Não temos escapatória enquanto lutamos contra nós mesmos.”

É uma luta autodestrutiva, que esgota a energia vital e não leva a nada.

O papel da terapia é, ainda, o de ajudar a pessoa a parar de lutar contra si mesma.

A questão do esgotamento de energia também é interessante. Lowen coloca a possibilidade de mudança como parte da ordem natural. A vida não é estática, a transformação é algo orgânico, desde que a energia para isso esteja disponível. Quando usamos nossa energia vital contra nós mesmos, não nos resta energia para o processo de cura que é inerente a um organismo vivo. Ou seja, a neurose acaba por intervir no processo de cura. A resistência, a luta contra o destino (contra nossa própria estrutura) acaba mantendo viva a lesão.

“A repressão vincula a pessoa à situação traumática e programa-a para repeti-la posteriormente na vida.”

As defesas que erguemos para nos proteger criam as próprias condições que nós estamos tentando evitar.

“Ninguém que está estrangido a uma posição defensiva está livre. (...) A tentativa de superar um medo negando-o internaliza o problema e garante a sua manutenção.”

Essa compreensão de Lowen é diferente da freudiana, que fala em “pulsão” ou “instinto de morte”. Para ele, o que aprisiona a pessoa ao destino que ela quer evitar é uma manifestação do caráter, e não um instinto, um

princípio ou uma força ativa. Ou seja, a pessoa está fixada em uma estrutura que não consegue mudar. Aliás, ela busca retornar à situação em que permanece fixada na esperança de que um dia possa se libertar.

É importante notar que essa estrutura de caráter acontece a nível psíquico e somático (corporal), um correspondendo ao outro. Esse aspecto somático, Lowen desenvolve através da ideia de “courças musculares”. A courça muscular é funcionalmente idêntica ao caráter psíquico. A repressão é um processo psicológico, mas depende da supressão da sensação (enquanto existir sensação, a recordação permanecerá vívida). A supressão da sensação (falecimento de uma parte do corpo, redução de sua mobilidade) se realiza através de tensões musculares crônicas. São essas tensões que formam o que Lowen chama de “courças musculares”.

O texto argumenta que o trabalho terapêutico tem que se dar tanto no nível psicológico quanto no corporal. Nenhum dos dois se sustenta sozinho. O novo parece perigoso. E temos também medo do excesso de excitação (que nos remete à insanidade).

“Já adultos, nosso potencial para a vitalidade é excessivo para nossas estruturas.”

O trabalho da terapia, por fim, consiste, então, em expandir lentamente a capacidade da pessoa para tolerar a própria excitação ou vitalidade.

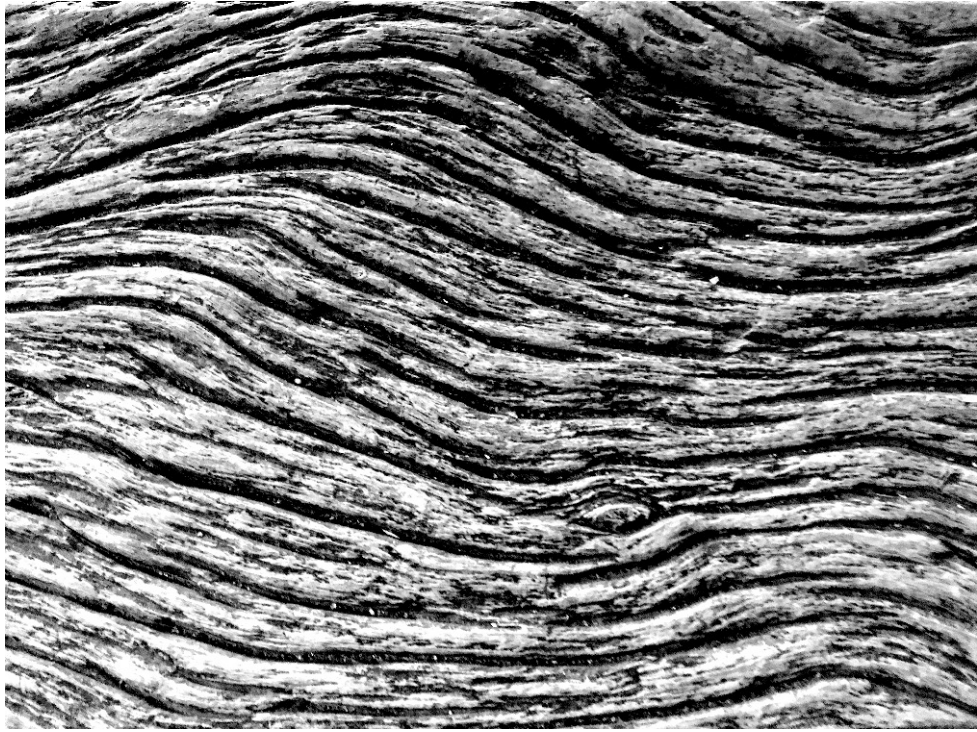
Por último, eu gostaria de pontuar que existe uma questão cultural abordada no texto.

“Se vivemos num mundo alienado, tornamo-nos alienados de nossos corpos e de nós mesmos.”

Essa condição de alienação pode ser também, portanto, o produto de uma cultura, sujeita a mudanças segundo a transformação de estruturas sociais.

“A neurose consiste na perda da plena potência orgástica e na formação de uma estrutura de caráter que vincula o indivíduo contemporâneo a uma cultura materialista, orientada para o poder e para valores burgueses. (...) A perda da potência orgástica debilita a maturidade, reduz a pessoa a se sentir infantil.”

Podemos agora, finalmente, voltar ao mito de Abraão. Um personagem que é convocado a matar seu filho primogênito gerado quando ele já era um senhor de idade avançada e tinha perdido a esperança de poder ter filhos. Nenhum sacrifício poderia ser maior. Podemos interpretá-lo como assassinar uma parte gigantesca de si mesmo. Porém, sua própria disponibilidade em fazer esse sacrifício faz com que esse sacrifício não tenha que ser feito. A própria aceitação de que existem coisas que estão para além de seu domínio, do controle de sua vontade consciente, ou mesmo de sua capacidade de realização, faz com que um aspecto fundamental de si mesmo seja poupado, ou, quem sabe, reencontrado.











Eu estava dentro da água, em uma espécie de porto.

Não era uma praia.

Era um porto sem cais, bem aberto para o oceano, e os navios estavam todos um pouco distantes.

Parece que eu estava escolhendo algum.

Só estava eu no mar. Não fazia muito sentido uma pessoa dentro d'água por ali. E não havia ninguém por perto.

Você não estava comigo (e isso era uma presença).

De repente eu via e sabia. Aquele era o meu navio: uma caravela antiga, toda de madeira, enorme, que vinha a toda velocidade em minha direção.

Eu temia que a caravela fosse me atropelar. Me perguntava se existem mortes por atropelamento de navio.

(Existem?)

Na verdade, não sei bem se era essa a pergunta; talvez fossem várias, difusas e sobrepostas: Dá tempo de mergulhar para escapar do navio? Minha força para nadar será maior do que a força que ele exerce sobre as águas?

Mas acho que a pergunta principal era essa: Existe espaço entre navio e mar?

A caravela, gigantesca, se aproximava em ritmo muito acelerado, irreal para uma caravela (acho que para qualquer navio).

E, então, passava por cima de mim e, sim, existe espaço entre navio e mar.

Eu estava nele agora. Parecia uma pequena casa de madeira, protegida, os sons abafados lembrando um segredo ou uma brincadeira. Acho que, na realidade, eu estava embaixo do velho pontão da fazenda com seus grandes tambores flutuantes de alumínio esmaltado de laranja e aquelas pequenas aranhas de represa que eu sempre detestei. Mas aqui, embaixo da caravela, não existem os tambores nem as aranhas que, afinal, não são marinhas. Quase chego a ouvir as outras crianças rindo, tentando me achar, talvez. Mas, se eu ficar quieta e prestar bastante atenção, dá para não ouvir as vozes. Aqui, além de espaço, silêncio e mar ecoado, tem somente um único trechinho ameaçador, uma espécie de caixote para o motor (não esqueci que é uma caravela, mas o que eu posso fazer? Assim era!..), e essa engenhoca ainda podia me atropelar ou decepar uma parte minha com suas rodas dentadas. Jamais gostei de motores dentro do mar.

Mas eu não era atropelada nem mutilada e subia no navio; escalava pela frente direto para a cabine de comando, e agora já não era uma caravela de madeira. Parecia um navio de metal, cinzento, desses de carga ou de guerra.

O navio, que então já se encontrava longe do porto, não estava à deriva. Ele parecia ter desejos próprios e saber bem para onde queria ir. Eu, não.

Ele viajava rápido.

Nada ali evocava o mar. Eu me sentia apartada do oceano por um grande aparato desajeitado.

O navio parte, chega, cinde, atravessa.

Eu não me interesso por nenhum desses verbos.

O navio atua sobre o mar.

Eu só ouço seus sons (agora um barulhinho fino de um grão de areia sendo partido ao meio por uma gotícula de chuva – sim, quase cai uma chuva que, de tão leve, apenas paira no ar). Vejo seus desenhos, pinturas, fotografias e colagens. Posso trazer seu sabor com um minúsculo movimento da língua sobre o lábio (na passagem imprecisa de mucosa para pele) ou lambendo qualquer parte do meu corpo. Engulo maresia e sinto arder doce-mente a respiração. Tenho suas águas em meus olhos.

E acho que por isso agora estou em uma praia. Uma praia de pedrinhas e conchas muito pequenas, ao invés de areia. Estou com água pela cintura, pouco mais, e choro. E tanto e tão copiosamente que o choro não é meu.

O choro chora em mim. Como se o mar entrasse por todos os meus poros e saísse pelos olhos, pela boca também. E mesmo assim, meu amor, eu não era líquida. Persistia todo o meu contorno, doído de sal e ausência, contendo minhas águas e também as do mar, para que eu não fosse de todo invadida. Meu corpo está dobrado sobre si mesmo e acho que estou tremendo, mas a água está quente como as lágrimas, parece ter surgido delas. Olho para o mar, então, e contemplo minha criação. Agora estou exausta e, por fim, seca. Uma onda me derruba e nenhuma gota de água entra pela minha boca, sequer pelos meus olhos muito abertos. A água bate e escorre. Me sinto convertida, quem sabe, em uma rocha impenetrável e isso não parece ruim. Tudo parece aquietar, espreguiçar no tempo. A água bate suave em minhas pedras, eu fecho os olhos e imagino a erosão de centenas e milhares de anos. Mas sou interrompida por uma profunda respiração. Abro os olhos e ao meu lado direito está o longo caminho de paralelepípedos que adentra o mar em direção ao sol, que finalmente está se pondo. Tenho vontade de deitar e dormir embalada pela água (que está tão quente e eu estou tão cansada). Meu corpo já não treme nem eu queria seguir vagando noite adentro pelas ruas vazias da cidade morta em sua hora deserta (na hora em que as águas apodrecem e invadem as casas, embora as portas não se abram; nada se ouve porque, então, não há viva alma, sequer a minha, e eu não preciso temer porque sou eu o espírito que erra pelos becos de grandes pedras escorregadias; talvez eu pudesse ouvir o ganido triste de um último vira-lata desperto se não tivesse os fones em meus ouvidos.

*Time has told me
You're a rare, rare find
A troubled cure
For a troubled mind*

*And time has told me
Not to ask for more
Someday our ocean
Will find its shore*

*So I'll leave the ways that are making me be
What I really don't want to be
Leave the ways that are making me love
What I really don't want to love*

*Time has told me
You came with the dawn
A soul with no footprint*

*A rose with no thorn
Your tears they tell me
There's really no way
Of ending your troubles
With things you can say*

*And time will tell you
To stay by my side
To keep on trying
'Til there's no more to hide*

*So leave the ways that are making you be
What you really don't want to be
Leave the ways that are making you love
What you really don't want to love*

*Time has told me
You're a rare, rare find*

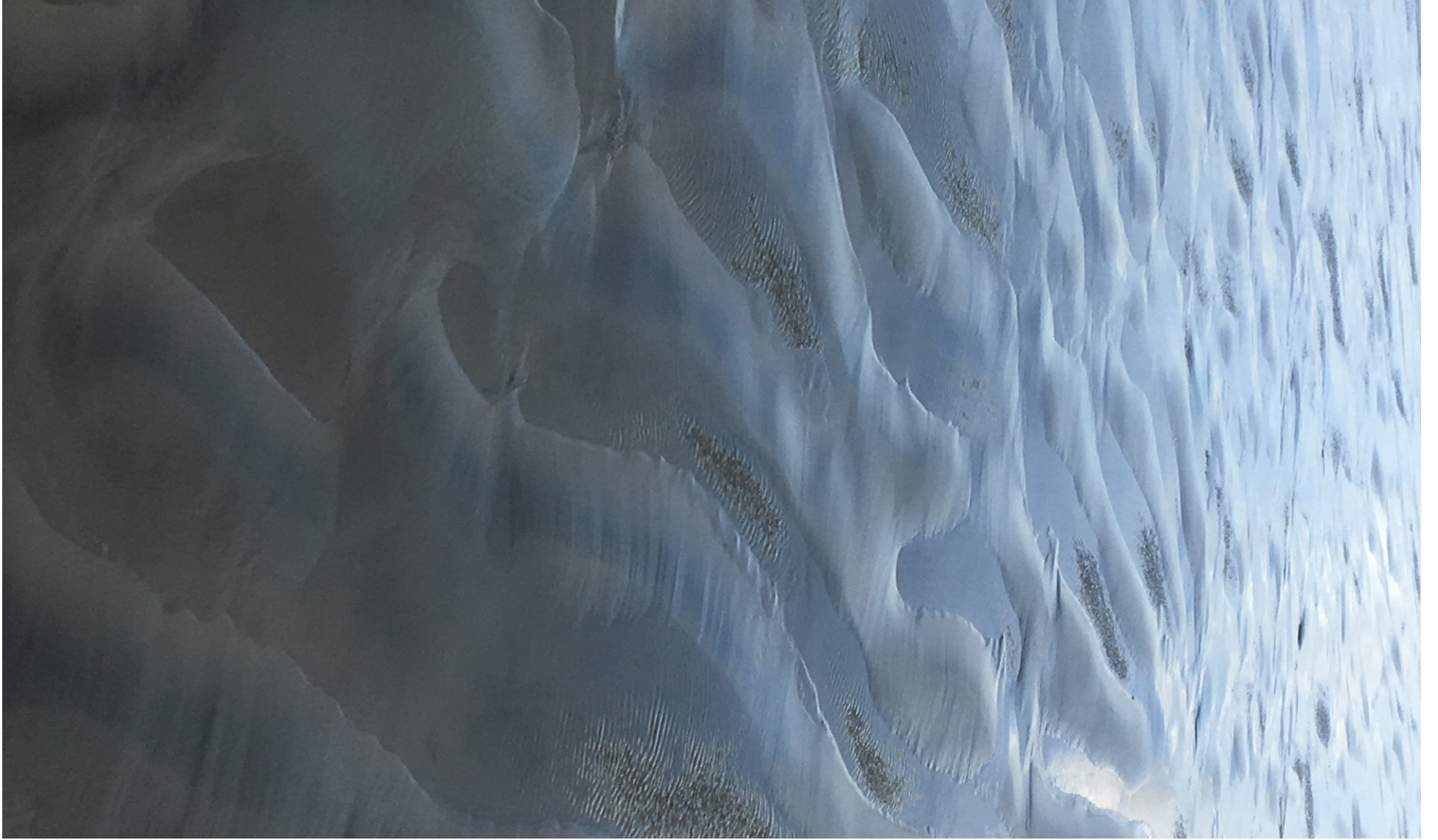
*A troubled cure
For a troubled mind

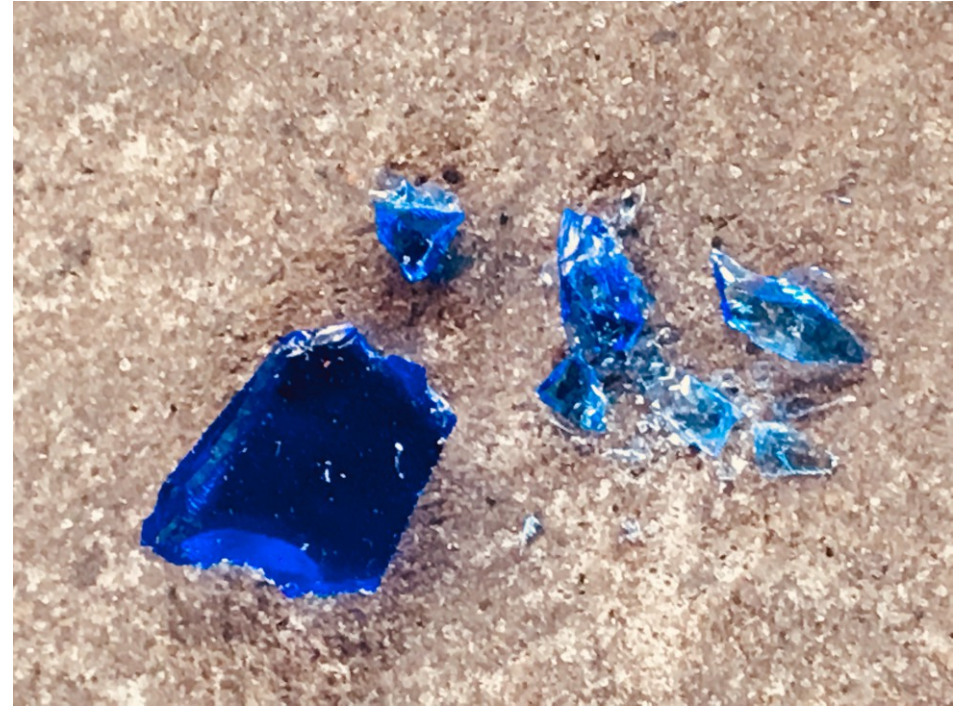
And time has told me
Not to ask for more
So someday our ocean
Will find its shore*

Perto do cais de madeira, eu vi uma boneca de pano afundando e mergulhei para buscar. A água escurecendo, ganhando um tom de azul profundo, mas ainda cintilando, como se emanasse luz própria ou existisse um sol dentro do oceano (por que não, se eu já descobri um lago e um céu?). E, mais uma vez, eu podia respirar. Não era a primeira nem seria a última. Às vezes isso acontece. É que nem voar. São acontecimentos raros, talvez para que não nos esqueçamos do prazer. Ou talvez porque tudo seja raro. Cada acontecimento correspondendo a um acaso único de tempo, espaço e suas sucessões. Mas naquela hora eu respirei embaixo d'água e isso foi de uma alegria e leveza absolutas, substantivas. E eu sabia, mais uma vez, que algo havia mudado. A boneca em minhas mãos (pega em pleno voo marítimo) era simples, pequena, seus fiozinhos de cabelo de lã esvoa-

çantes indicando a falta de gravidade do mar e a liberdade delicada de seus movimentos.

O mar está sempre dançando. Ele aprendeu o que se deve fazer diante de seu próprio esplendor.





Porque eu sempre mato minhas plantas afogadas

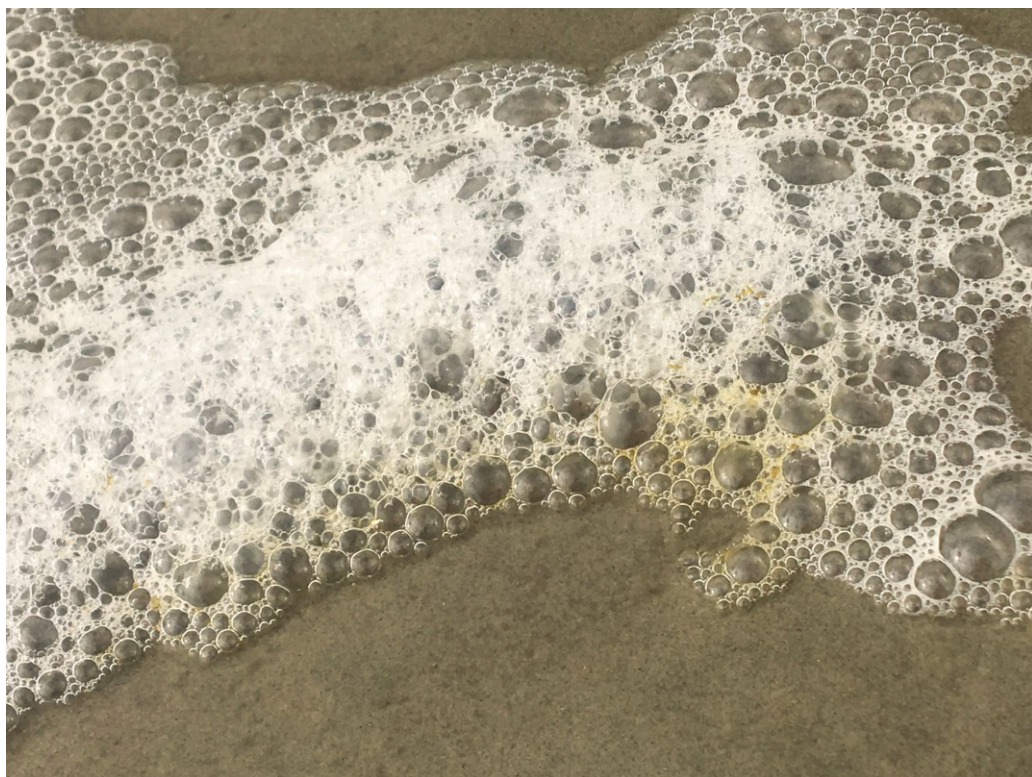


A água bate violenta de paixão e de vida

Eu partilho e desassossego

Passo muito tempo escorrendo

Reluzo sem perceber, reflexo do sol

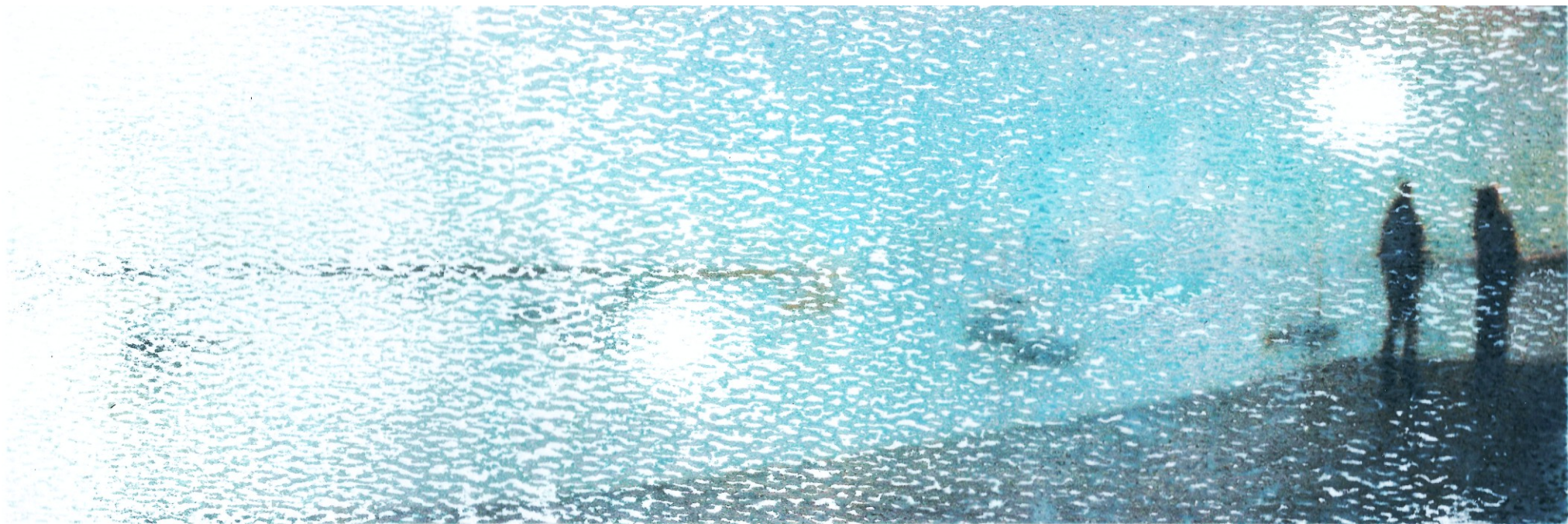


Deu-se aí, porém, longe rumor: um trovão arrasta seus trastes. Brejeirinha teme demais os trovões. Vem para perto de Zito e Ciganinha. E de Pele. Pele, a meiga. Que: – “Então? A estória não vai mais? Mixou?”

– “Então, pronto. Vou tornar a começar. O Aldaz Navegante, ele amava a moça, recomeçado. Pronto. Ele, de repente, se envergonhou de ter medo, deu um valor, desassustado. Deu um pulo onipotente... Agarrou, de longe, a moça, em seus abraços... Então, pronto. O mar foi que se aparvolhou-se. Arres! O Aldaz Navegante, pronto. Agora, acabou-se, mesmo: eu escrevi –

‘Fim’







Although I do not hope to turn again

Although I do not hope

Although I do not hope to turn

*Wavering between the profit and the loss
In this brief transit where the dreams cross*

Nós estávamos sentados em uma muretinha branca olhando o mar. Ela era feita de pedra (ou seria de alvenaria?) com camadas já descascadas de tinta branca fosca por cima que lembrava cal (talvez fosse). Era uma muretinha vazada também, com uma espécie de arabesco simples esculpido em sua estrutura (quadrados que ocupavam toda sua altura com uma meia lua para baixo, uma meia lua para cima e um círculo no meio; esse desenho repetido sucessivas vezes no comprimento da mureta). Apesar de baixinha (dessas cujo gesto para subir de costas não requer mais do que um pequeno impulso com os braços), ela não estava no nível do mar. Ela protegia o calçadão de um tombo: uma parede de não mais do que 2 metros que se apoiava na areia, construída possivelmente para evitar enchentes (na antiga disputa territorial entre cidades e o oceano que as abriga; não seria uma disputa e, sim, uma dança, não fossem certos exageros da engenharia humana deslumbrada com seus próprios feitos). Não muito longe de nós, à esquerda, uma escada servia de passagem para quem quisesse estar à altura do mar, caminhar em sua areia, refrescar os pés num dia quente e catar conchas rosas (embora elas não sejam comuns em Santos). Era lá que estávamos, apesar de eu não lembrar de uma muretinha assim em sua orla. Aliás, na minha memória desperta porém distante, não existe desnível entre rua, calçada e areia

nas praias de Santos (pelo menos não na do Gonzaga). Mas parece improvável que a cidade inteira seja assim. Quem sabe a muretinha não tenha sido transportada de seu porto para ser realocada, apenas para nós, na paisagem que compúnhamos?

*The dreamcrossed twilight between birth and dying
(Bless me father) though I do not wish to wish these things*

O dia estava claro, céu azul turquesa sem nenhuma nuvem, mas o mar bastante agitado. Ondas cada vez maiores se formando. Talvez nós estivéssemos de mãos dadas, ou os dedos, mindinho esquerdo com mindinho direito, quase se encostando. De qualquer forma, nosso sossego estava entrelaçado. Ondas cada vez maiores se formando, a massa de água ganhando corpo. E nós seguíamos na mureta. Nenhum senso de perigo, só de deslumbramento. Ondas cada vez maiores se formando, ficando mesmo imensas. Já não teríamos mais para onde nem como correr. Mas isso não passava pela nossa cabeça. Ondas cada vez maiores se formando, ocupando agora quase o campo inteiro de visão (apenas ainda uma pequena faixa do azul turquesa por cima). Já não podíamos não chamar de maremoto. E ainda assim não nos movíamos (embora não como gatos paralisados diante do farol de um carro, e sim por pura calma). Ondas cada vez maiores se formando, e um paredão azul

não sei de que tom (talvez marinho, afinal; mas um marinho levemente desbotado e cinza) à nossa frente, em breve às nossas costas, ouvidos, bocas, cabelos. Nem por isso a aflição nos acometia. Ondas cada vez maiores se formando, agora 7 vezes mais altas do que nós. Em breve estaríamos dentro delas. Mas nenhum medo vinha interferir em nosso remanso, em nossos dedos apenas com um sopro de distância. Até que, por fim, não existia nada além do mar.

*From the wide window towards the granite shore
The white sails still fly seaward, seaward flying
Unbroken wings*

Então o milagre se fez (milagre apenas quando tento descrevê-lo; no vivido era natural, continuidade imediata da nossa quietude): Nós podíamos estar dentro do maremoto sem que se abalasse nosso ritmo, nosso calor, sem que nos molhássemos ou fôssemos jogados de lá para cá, arremessados contra uma árvore em perigo. Não. Era como se uma esfera protetora houvesse se formado ao nosso redor (devo dizer que cada um tinha a sua, mas viajávamos próximos, bolhas partilhando ar).

Poucas coisas na vida são mais divertidas do que observar um maremoto de dentro. Não que haja tanto para contar além do mar enorme e da gente pequena; aquele desajuste de medidas que nos causa o mais profundo espanto; o arrebatamento diante do vislumbre do que quase não cabe na nossa imaginação.

Essa é uma pergunta que vale a pena: A grande criação humana é o infinito ou nossa capacidade de condensá-lo? Nós reduzimos o universo para que nos seja possível tocá-lo, ou inventamos o que, paradoxalmente, sequer conseguimos conceber?

Talvez fosse essa nossa esfera protetora: Um escudo que podíamos vestir diante de algo tão grande e belo que poderíamos perder nossas fronteiras.

Os pescadores de uma aldeia japonesa, à notícia de um tsunami e tendo poucas horas para se preparar, apenas pegaram seus barcos e adentraram o oceano. Muito devem ter adentrado, até que não pudessem ver mais nada além da paragem e das gaivotas (dizem que não importa o quanto os navegantes se afastem da costa, as gaivotas estão sempre por perto).

Nós não adentramos o oceano. Ele nos adentrou, sem que com isso perdêssemos nosso ar, nossos órgãos, nossos gostos, memórias, nossos cheiros, peles, amores e histórias.

Estávamos dentro do maremoto e ele não mais nos deixava sem chão.

Você sabe. Eu sempre mato minhas plantas afogadas e, por isso, me preocupo muito em conter as águas. Mas

aquelas precisavam explodir para somente então poderem alcançar a paz entre terra e oceano, entre os passos arriscados e tudo que nos havia escapado, entre o que conhecíamos e o que nos havia escorregado pelas mãos.

Havíamos caminhado em círculos por muito tempo, mas agora podíamos atravessar o Mar Vermelho, com seus paredões de água nos margeando. (Os peixes estavam atentos à passagem humana, colorindo esses paredões com suas formas e matizes incontáveis?) Pois eu e você cumpríamos essa mesma jornada: dentro do mar em terra seca. Assim na terra como no céu.

O mundo se movia ao nosso redor (exércitos afogados, palavras entalhadas) e, por fim, estávamos prontos para receber o que nos parecesse sagrado.

O que sobrou dos nossos móveis seria levantado, a casa limpa aos poucos (a maresia permaneceria), as paredes pintadas de uma nova cor, restariam poucos dos nossos objetos. E daí viria nosso atrevimento e nossa certeza, nosso encanto e nosso repouso. Do vidro quebrado sobre a nossa foto e da ternura em jogá-los fora.

Agora eu sei: metade do ar que respiramos vem do mar.













Enquanto a tragédia de Rabicó se desenrolava no camarote do navio afundado, Narizinho e Emília escolhiam figurinos em casa de dona Aranha Costureira. Depois passaram a escolher fazendas. Dona Aranha tirou dos seus armários de madrepérola um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos; e com o maior pouco caso, como se fosse de alguma cassinha barata, desdobrou-o diante das freguesas assombradas.

— Que maravilha das maravilhas! — exclamou Narizinho, de olhos arregalados, sentindo uma tontura tão forte que teve de sentar-se para não cair.

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda nada! Feito de cor — e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos — rendas, entremeios, fitas, bordados, plisses ou vidrilhos -, era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos — os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços — todos, todos!... Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ouvires que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor do mar como se nadassem n'água. De

modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar.

— É a vertigem da beleza! — exclamou dona Aranha sorridente, dando-lhe a cheirar um vidrinho de éter.

Emília espichou a munheca para apalpar a fazenda; queria ver se era encorpada.

— Não bula! — murmurou Narizinho com voz fraca, ainda de olhos turvos.

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furtar-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim...













O traço escapa

A linha do mar também

(fronteira impossível porque oposto de fronteira)

A da espuma mergulha e ri, satisfeita

Um graveto também brinca de assustar

A água me alcança, apaga meu rastro

e recuo, já molhada, temerosa das alturas

Sigo esse também horizonte

perpendicular, ziguezagueante

REGISTRO DE CAMINHADA À BEIRA-MAR

14:35hs – quase não tem areia para andar. Curioso como um fenômeno tão simples pode ser tão encantador.

A água está completamente marrom, de carregar mundos.

A areia se disfarça de espuma, imitando sua textura.

E nenhum dos lugares por onde andei de manhã, poucas horas atrás, ainda está aqui. A paisagem é inteiramente outra.

O som das gaivotas é o mesmo.



Faço uma ousadia: cruzo por onde a água ocupara segundos antes prometendo voltar logo.

O mar não parece violento. Parece determinado.

Um chinelo é cuspidado de volta. Uma tampa de garrafa. Um pequeno canudo roxo de plástico.

Penso que virei fotografar amanhã, mas imediatamente sei que será, mais uma vez, outra paisagem.



Uma gaivota quase toca em mim (um assobio realmente muito próximo). Chego a ficar resabiada.

Penso se tenho razão para ter medo, mas, depois de alguns rasantes, fujo, ridiculamente.

Lembro que uma vez me falaram da braveza dos quero-queros.

São quero-queros!

Me sinto no filme do Hitchcock. Paro ofegante. Minha fuga deve ter sido mesmo embaraçosa (duas testemunhas por perto; com sorte, o encanto do mar de ressaca foi maior).

Agora estou distante (uma rua, duas calçadas e um campo minado de quero-queros) da areia.



Vejo o que acredito serem duas andorinhas e sinto um alívio.

Sempre tive algum temor dos pássaros. Pode ser também algum tipo de inveja escusa.

De qualquer modo, me mantenho em leve estado de sobressalto ao menor voo. Eu, que hoje pela manhã achava pios e pipiões o que havia de mais poético (por vezes esqueço, mas sou rapidamente lembrada, que as coisas não são cenários estabelecidos para o meu deleite).

Como é mesmo o poema? *Mar sonoro, mar sem fim..... Há momentos em que acredito seres um milagre criado só para mim...*

Não, não é isso.



Sigo reticente. Um pouco fracassada na contemplação.

Penso nos quero-queros (muxoxenta, levemente sentida – “Essa menina é do tipo sentido”, disse o pediatra ao me pegar no colo pela primeira vez –, numa inconfessável sensação de agressão injusta. Lembro do conto da Clarice em que ela pisa num rato morto no instante exato em que se sentia em plena harmonia com o universo, fica enfurecida, mas aí percebe sua arrogância em querer determinar o que faz parte ou não dessa harmonia, ou algo assim. Quanto a mim... eu sigo amuada).

Recordo do que me falaram uma vez: que esse é um comportamento comum quando há ninhos e filhotes por perto. Filhotes! Me entorneço.

Fico com vontade de procurar o ninho (que teria de estar no chão, não há árvores ao redor), mas deus que me poupe!..

Aí que eles me furam os olhos! Penso também que talvez eles simplesmente não gostem de alguém parado escrevendo.

Ou, vai ver, têm ciúmes do mar.



Volto à pequena faixa de areia. Meus passos não ficam marcados, como as pegadas de uma alma penada ou um vampiro diante de um espelho. Estranho.



Tomo outro susto. Será que vou ficar o resto do passeio sobressaltada, com medo das aves? (ou talvez, agora, tenha se estabelecido um medo em estado puro, dissociado de qualquer motivo)

Mas os quero-queros estão à minha frente, tramando e vigiando a orla.



O mar, por vezes, parece fugir de mim (quando eu era pequena, ficávamos horas a fio brincando de batalhas. Eram competições acirradas, disputadíssimas. Eu tomava uns caldos, mas também furava umas ondas. Costumava dar empate. E eram essas as minhas orações antes de nós dois).

Eu te amo mais do que apenas mais um dia.



Agora cai uma chuvinha muito fina.

Torço para que deixe suas marcas na pequena folha de papel que uso de suporte para anotações (embora, canhoto de almoço em um quilo barato, ela não tenha como ficar bonita, mesmo com o desenho mais caprichado das gotículas). Fica, porém, como prova de realidade, já que meu corpo não deixa rastros na areia.



Os quero-queros não sabem meu tamanho?? Que sou um predador perigosíssimo?! Uma espécie de leão?!

(insurreição deslocada no tempo)

No entanto, creio que eles facilmente me venceriam. Me venceria. Um só.

Num rasante certo.

Agora, sim, uma pacífica gaivota.

Nunca mais me confundirei.



O mar expulsa um galão de gasolina.

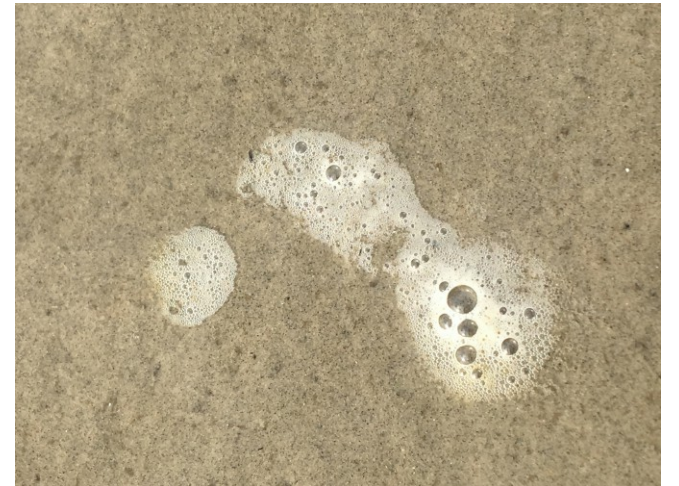
Tenho fome e medo de que os quero-queros queiram a minha banana. Penso que será divertido acompanhar a casca no mar, como uma pequena embarcação em meio a um terrível maremoto (me vem à cabeça o conto do Guimarães, o estrume bovino sendo transformado em navio e metáfora amorosa). Assim que arremesso, já não posso vê-la. O mar a engole em instantes. Pobre tripulação.



A gaivota é injustiçada no filme do Nemo. Ela me parece madura, reflexiva.
Ou será que essa não é uma gaivota?
Volto para o sertão. Tudo parece mais tranquilo no campo de batalha dos
quero-queros indicado pela biruta.
Achei que já tinha perdido o receio,
mas acelero quando ouço um pio e desvio do pequeno matagal, lugar
perfeito para a chacina.

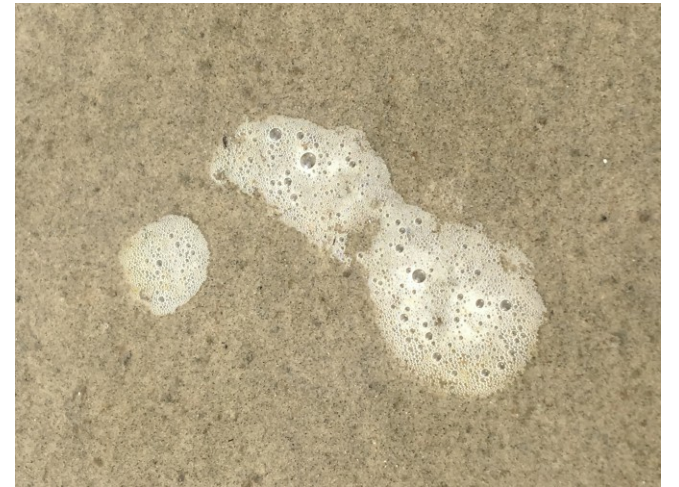


A gaivota parece estar ao meu lado, sinto que posso contar com ela em caso de perigo. Ela parece sempre a mesma, soberana (ela, sim, leão do mar de ressaca desse 14 de agosto de 2019).









*Blessed sister,
holy mother,
spirit of the fountain,
spirit of the garden,
Suffer us not to mock ourselves with falsehood*



Teach us to care and not to care

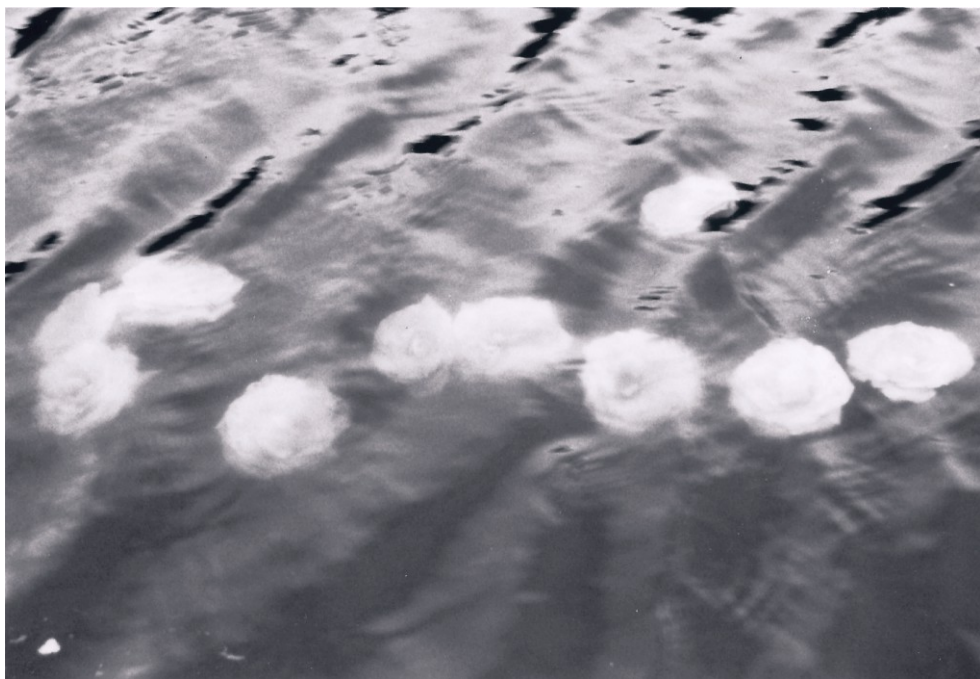
Teach us to sit still

Sister, mother and spirit of the river, spirit of the sea,

Suffer me not to be separated







Lóri olhava o mar, era o que podia fazer. Ele só lhe era delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da Terra.

Deviam ser seis horas da manhã. O cão livre hesitava na praia, o cão negro. Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga. A mulher hesita porque vai entrar.

Seu corpo se consola de sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar porque é a exiguidade do corpo que o permite tornar-se quente e delimitado, e o que a tornava pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias. Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio da madrugada.

A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver. Lóri está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização da Natureza. A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem. Vai entrando. A água salgadíssima é de um frio que lhe arrepia e agride em ritual as pernas.

Mas uma alegria fatal — a alegria é uma fatalidade — já a tomou, embora nem lhe ocorra sorrir. Pelo contrário, está muito séria. O cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta de seu mais adormecido sono secular.

E agora está alerta, mesmo sem pensar, como um pescador está alerta sem pensar. A mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda — e abre caminho na gelidez que, líquida, se opõe a ela, e no entanto a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido secreto.

O caminho lento aumenta sua coragem secreta — e de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda! O sal, o iodo, tudo líquido deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo — espantada de pé, fertilizada.

Agora que o corpo todo está molhado e dos cabelos escorre água, agora o frio se transforma em frígido. Avançando, ela abre as águas do mundo pelo meio. Já não precisa de coragem, agora já é antiga no ritual retomado que abandonara há milênios. Abaixa a cabeça dentro do brilho do mar, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os olhos salgados que ardem. Brinca com a mão na água, pausada, os cabelos ao sol quase imediatamente já estão se endurecendo de sal. Com a concha das mãos e com a altivez dos que nunca darão explicação nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheias de água, bebe-a em goles grandes, bons para a saúde de um corpo.

E era isso o que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem.

Agora ela está toda igual a si mesma. A garganta alimentada se constringe pelo sal, os olhos avermelham-

se pelo sal que seca, as ondas lhe batem e voltam, lhe batem e voltam pois ela é um anteparo compacto.

Mergulha de novo, de novo bebe mais água, agora sem sofreguidão pois já conhece e já tem um ritmo de vida no mar. Ela é a amante que não teme pois que sabe que terá tudo de novo.

O sol se abre mais e arrepia-a ao secá-la, ela mergulha de novo: está cada vez menos sôfrega e menos aguada. Agora sabe o que quer: quer ficar de pé parada no mar. Assim fica, pois. Como contra os costados de um navio, a água bate, volta, bate, volta. A mulher não recebe transmissões nem transmite. Não precisa de comunicação.

Depois caminha dentro da água de volta à praia, e as ondas empurram-na suavemente ajudando-a a sair. Não está caminhando sobre as águas — ah nunca faria isso depois que há milênios já haviam andado sobre as águas — mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas. Às vezes o mar lhe opõe resistência à sua saída puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera.

E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça, nunca poderá perder tudo isso. De algum modo obscuro seus cabelos escorridos são de naufrago. Porque sabe — sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano.





Começou cada vez mais a afeiçoar-se aos seres humanos e a desejar ardentemente viver entre eles, pois o mundo fora do mar lhe parecia maior e mais belo que o do fundo do mar. Havia toda a superfície dos oceanos para ser atravessada em navios, e montanhas a subir, e florestas e campos onde passear.

Sempre curiosa das coisas da terra, vivia fazendo perguntas à sua avó.

– Se os seres humanos não morressem afogados, poderiam viver eternamente? perguntou-lhe um dia. Será que eles não morrem, como aqui no mar morremos?

– Morrem, sim, respondeu a velha dama. Morrem como nós, e vivem ainda menos do que nós. Nós vivemos até trezentos anos, mas ao morreremos somos transformadas em espuma, em vez de sermos enterradas.

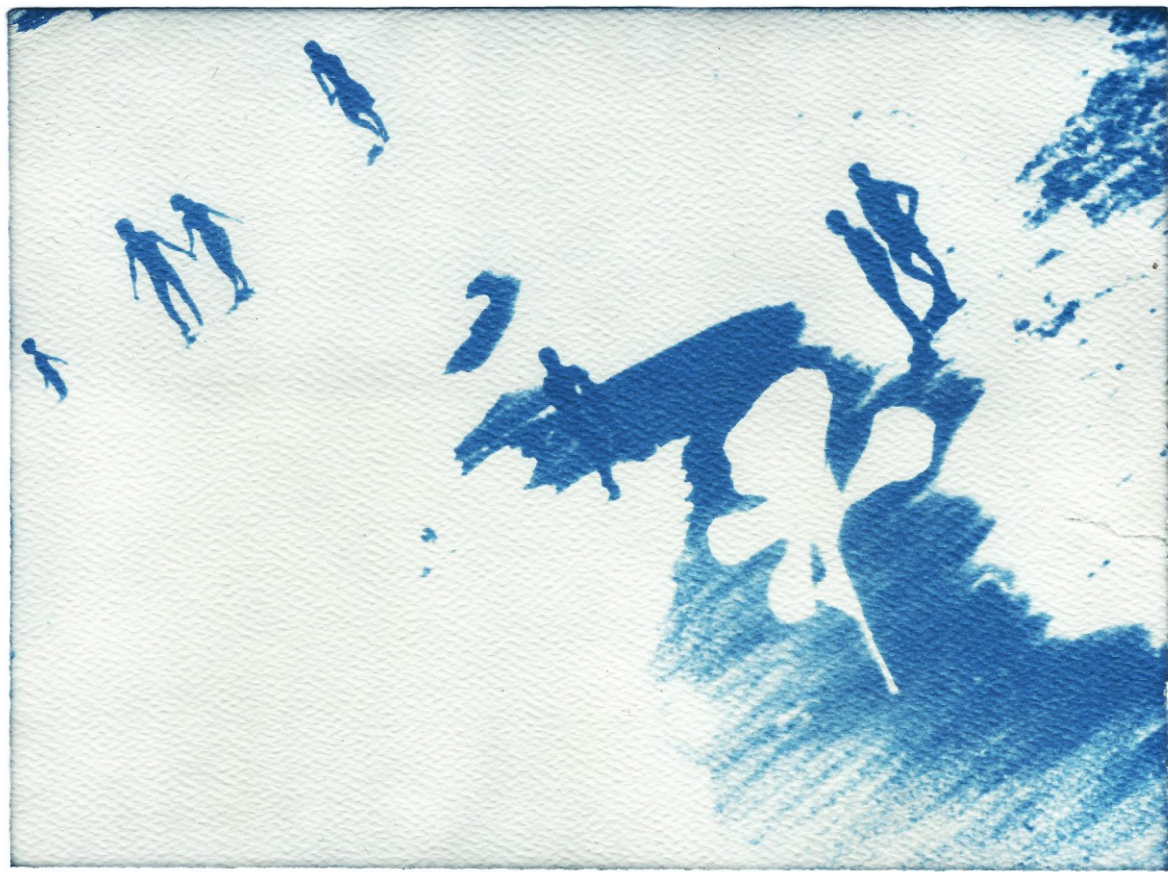
Nossa alma não é imortal. Não temos depois de mortas uma vida nova. Somos como a alga verde que jamais floresce outra vez, quando cortada. Os seres humanos, ao contrário, possuem uma alma que vive eternamente e que, quando o corpo perece, se eleva às alturas onde brilham as estrelas. Assim como nós subimos à tona para ver os humanos e suas obras, assim eles sobem a regiões desconhecidas que nós jamais poderemos conhecer.

– E por que não temos nós uma alma imortal? perguntou a sereiazinha com mágoa. Eu daria metade da minha vida para ser criatura humana por um dia só e sentir em meu coração a esperança da vida futura.

- Não pense nisso, minha filha, foi a resposta da velha dama. Somos muitos mais felizes e melhores do que os seres humanos.

- Sim, mas terei de virar espuma quando morrer, não podendo nunca mais ouvir a música das ondas, nem ver as belas flores e o sol. Haverá um meio de adquirir uma alma imortal?

- Não, disse a velha dama, salvo se uma criatura humana vier amar a você tanto e tanto, que ponha você acima dos seus próprios pais. Então sua alma se repartirá com você. Mas isso jamais acontecerá. As nossas caudas, tão lindas para nós, são pelos homens consideradas como disformidade. Em vez das nossas lindas e possantes caudas eles admiram aquelas duas horríveis pernas com que caminham e nas quais se equilibram...



Gilgamesh perde seu grande amigo. Seu igual que havia sido criado pelos deuses para matá-lo, mas – ah, ingênuos deuses, então vocês não sabem do rasgo na impossibilidade que é encontrar um duplo que não seja si mesmo? Não previram daí um amor? Do amor, uma tragédia? Ou essa foi a forma de matar Gilgamesh lentamente enchendo-lhe, por fim, de humanidade?

Após tantas aventuras juntos

– e risos (o ar sibila escapando de um registro agudo que não é o seu, a não ser quando atravessado pela graça) e olhares que se tocam e confidenciam na sala repleta de gente e céus e sombras e silêncios (aqueles cuja natureza eu demorei tanto, não a entender, eu sempre a soube, mas a não temer, enquanto você os saboreava ávida e calmamente) e sons e saberes incomunicáveis (ocultos e da pele; seu olhar translúcido) e saberes de adivinhação, e xícaras que se partiram, podem virar porta-lápis, mas nós nunca tivemos lápis em casa, eu os tenho sozinha, nunca havia percebido que essa era uma ínfima concessão da partilha, e filhos paparicados à exaustão (Nos exaurimos de compartilhar lagos diáfanos? Precisávamos de mar aberto. Ondas gigantes, tsunamis, desalentos e destroços, até sermos cuspidos de volta em alguma praia do fim do mundo) –

Gilgamesh se recusa a enterrá-lo.

Até que, de seu nariz, começam a surgir, ou se tornar visíveis, pequenos vermes brancos. Seres com os quais

ainda se poderia conviver não fosse o fato de que o nariz, em si, começa a desaparecer, a se desfigurar a ponto de tornar irreconhecível a face tão querida. Então, e somente então, Gilgamesh resolve enterrá-lo, tentando ainda uma vez estender o ritual até estourar a corda mais aguda de seu tempo de areia ao lado do que, de algum modo que não se pode compreender, ainda é o seu amigo. Quando o funeral de (in)findáveis dias se encerra, Gilgamesh parte, já não mais para novas aventuras, mas para a única. Parte para desafiar a morte (como haviam feito tantos personagens que todavia ainda virão) diante, ainda mais do que da morte, da putrefação do ser amado. (A morte? Ela ainda podemos ver, chorar, tocar, criar narrativas e estados d'alma. Mas os vermes brancos...)

Gilgamesh inicia, então, sua busca por Utnapishtim, ao que parece único ser imortal da conturbada história humana (e andaré ele ainda por aqui testemunhando a humanidade confinada, desesperada com o desmame que se avista de uma terra que se mostrou, por fim, extenuada? E algo ainda o interessará, comoverá, demoverá de sua arca, construída 1000 anos antes da de Noé? Seu medo da morte aumentou ou diminuiu? Tentou ele se matar alguma vez sem sucesso? Não conhece que as dádivas divinas são inegociáveis?). De qualquer modo, Utnapishtim lhe responde que não tem como ajudar, que não conhece o segredo da imortalidade, apenas o é, e que teria recebido essa suposta bênção por um episódio pontual que, acreditava ele, não voltaria a se repetir (um dilúvio que cobriu toda a terra, afogando todos os seres existentes, exceto os familiares, amigos e ani-

mais escolhidos por ele, possivelmente em pares; e uma pomba foi enviada para ver se já era possível atracar e, sem encontrar pouso, voltou; e um corvo foi enviado e não voltou; e assim o grande navio pôde finalmente abrir suas portas de desembarque). Isso havia ocorrido há milhares de anos e, aparentemente, na época de Gilgamesh, os deuses não estavam assim tão insatisfeitos com o mundo e demoraram muitos outros anos até que mais uma vez se enfadassem, desistissem e decidissem enviar um novo dilúvio e recomeçar (não do zero, afinal as formas animais, inclusive a humana, parecem encontradas - e quem iria querer perder o molde da baleia?).

Gilgamesh fica desolado com o fracasso de sua busca (apesar de tanto empenho, desnorteio, erros e errâncias, de tantas estagnações, perplexidades, apesar de tanto não saber) e Utnapishtim, com pena, conta-lhe que talvez ainda exista uma maneira. Há, enfim, nas entranhas do oceano, uma planta que poderia dar a ele a tão desejada imortalidade.

E é assim, meu amor, que Gilgamesh vai para o fundo do mar.

Confesso que desconheço sua jornada por lá. Mas talvez isso seja o justo. 63 vezes mais pessoas orbitaram a Terra do que foram ao ponto mais profundo de sua superfície coberta de água, não é isso? Temos um mapa topográfico de Marte muito mais desenvolvido que o da parte submersa do planeta. Não foi o que você contou? (com a vela acesa iluminando o âmbar do copo de uísque da garrafa azul turquesa que você comprou em sua última viagem, o cachorro do vizinho latindo ininterruptamente e, apesar disso, nosso silêncio-matéria –

sim, também apesar de suas tantas histórias – que crescia e se fazia corpo nos enovelando de um desejo que sabíamos apenas docemente adiado. Barragem de argila fina, mal construída, que quando rompesse faria submergir de uma só vez todas as palavras que sempre compuseram nossa rebentação).

Mas Gilgamesh retorna. Com sua flor da imortalidade. Retorna, entretanto, exausto. Quem já mergulhou bem sabe do sono que seduz irresistivelmente todos os sentidos, que entorpece a alma numa sensação de missão cumprida, posto que a missão é o mergulho em si, e a flor agora desaparece diante dessa verdade auto evidente. Porém, a verdade se esvai em um mil milésimo de segundo quando ele desperta, assustado, e percebe que a flor não está mais lá. No lugar dela, uma pele seca de serpente. A serpente já distante, com sua flor e sua pele nova, a partir de agora eternamente renascida.

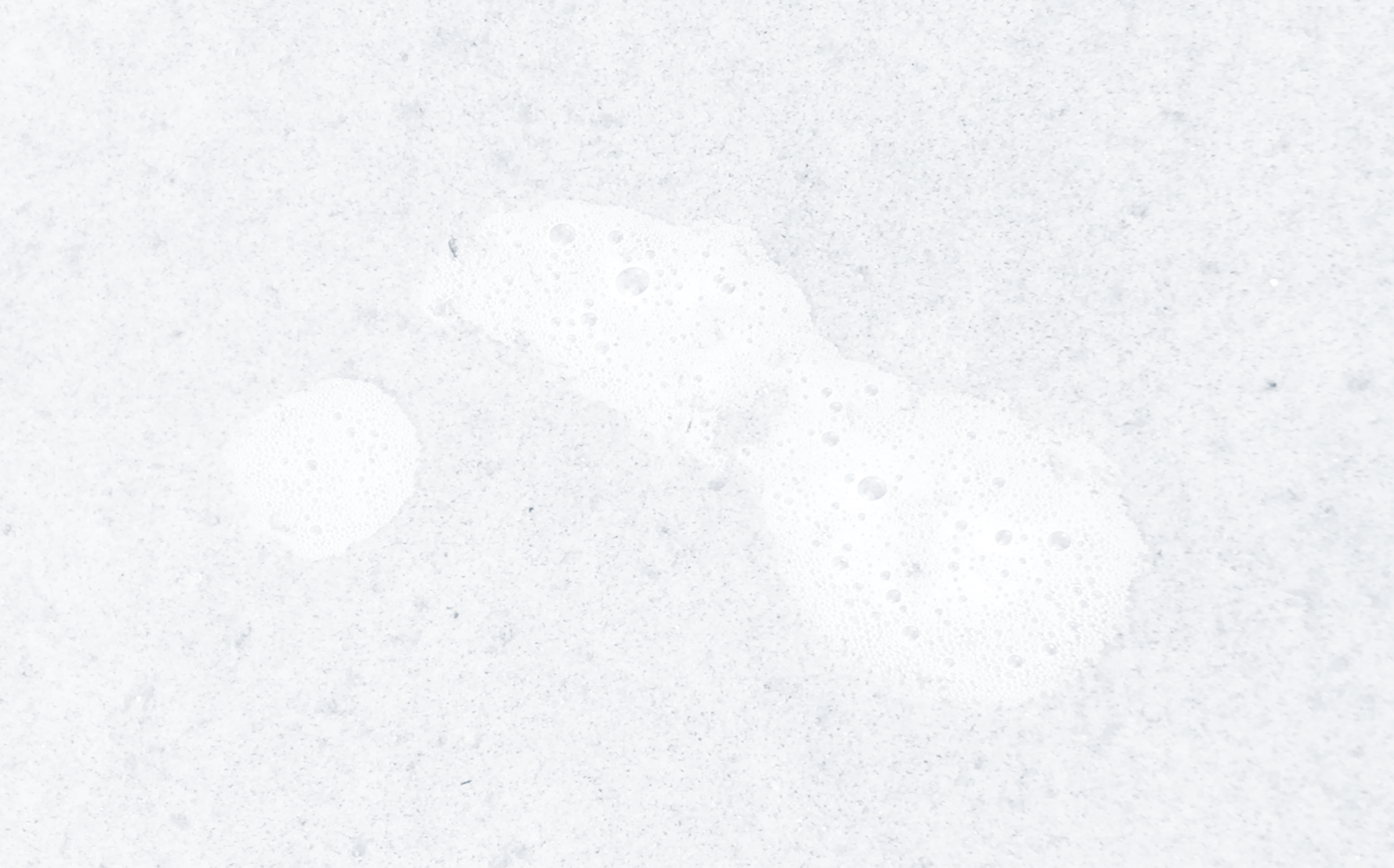
Dizem que, quando as serpentes abandonam suas velhas peles, já possuem a nova, embora ainda não o saibam. Elas não são cientes de sua ancestral imortalidade. Mesmo assim, talvez tão temerosas quanto Gilgamesh, abandonam suas peles quando percebem que é hora de morrer.

*I've seen things you people wouldn't believe.
Attack ships on fire off the shoulder of Orion.
I watched c-beams glitter in the dark near the
Tannhäuser Gate.*

*All those moments will be lost in time,
like tears in rain.*

Time to die.







*En un día de amor yo bajè hasta la tierra:
vibraba como un pájaro crucificado en vuelo
y olía a hierba húmeda, a cabellera suelta,
a cuerpo traspasado de sol a mediodía.*

*Era como un durazno o como una mejilla
y encerraba la dicha
como los labios encerran un beso.*

*Ese día de amor yo fui como la tierra:
sus jugos me sitiaban tumultuosos y dulces
y la raíz bebía con mis poros el aire
y un rumor galopaba desde siempre
para encontrar los cauces de mi oreja.*

Al través de mi piel corrían las edades:

*se hacía la luz, se desgarraba el cielo
y se extasiaba - eterno - frente al mar.*

*El mundo era la forma perpetua de asombro
renovada en el ir y venir de la ola,
consustancial al giro de la espuma
y el silencio, una simples condición de las cosas.*



E a estória? Haverá, ainda, tempo para recontar a verdadeira estória? Pois:

– “Agora, eu sei. O Aldaz Navegante não foi sozinho; pronto! Mas ele embarcou com a moça que ele amavam-se, entraram no navio, estricto. E pronto. O mar foi indo com eles, estético. Eles iam sem sozinhos, no navio, que ficando cada vez mais bonito, mais bonito, o navio... pronto: e virou vagalumes...”



A CENTELHA DE SOL DENTRO DA CONCHA E A GRAÇA E A SAUDADE

“Deus está mais na água do que no céu”.

Ele disse, enquanto olhávamos um sem fim de estrelas em uma noite de trova.

Depois olhou para mim. Eu contive a recíproca, em uma distraimento calculado (que ele adivinhou), e segui mirando o céu.

Como se não bastasse noite e alma transparentes, eu queria uma estrela cadente.

Naquela hora, repleta dele e do mundo, irrestrita, eu só poderia desejar que a hora não acabasse.

Ora, não se pode desejar indecências a uma estrela cadente e por isso mesmo ela não viera.

Eu contei, então, uma historinha muito antiga da turma da Mônica, que li pequena e me ficara na memória. Era assim: aniversário da Mônica. Um dia feliz, com presentes, bolo, amiguinhos, atenções e brigadeiros. Quando a festinha está acabando, ela ganha do Anjinho – deve ser bom ter um amigo de auréola e pequenas travessuras miraculosas – uma estrela cadente. Ela aponta a caixinha para o céu e não titubeia: queria fazer aniversário todos os dias. No dia seguinte, novos mimos, carinhos e guloseimas. No outro, também. E no outro. E no outro. E no outro. Até que, em pouco tempo, igual a tudo o que desejamos inadvertidamente, ninguém mais

aguenta: as roupinhas de domingo ficando puídas, os cofrinhos na miséria, a começar pelo de seus pais, promotores dos eventos em moto-contínuo, e os docinhos já dando dor de barriga.

Eu não lembrava como acabava a história.

Ele riu e tomou para si a missão de recarrilhar o rumo da prosa. Disse que olhar para o céu em busca das origens era apenas cultural. "Viemos dos macacos, dos macacos em suas árvores. As árvores estão mais próximas das estrelas que do mar."

Havia árvores por perto, das quais nós podíamos vislumbrar apenas a silhueta escura contra o fundo luminar do céu. Não havia mar.

Havia sapos também. Eu não sou uma conhecedora de anfíbios, estou bastante longe disso, mas certamente, entre eles, estava o meu favorito: o sapo-martelo, com seu canto patusco. Era ele que dava a afinação da conversa que, animada por um filme visto há pouco, tocava a melodia da noite. O vinho harmonizando.

Um arqueólogo dizia nele que o deserto do Atacama está para os arqueólogos assim como seu céu transparente está para os astrônomos. O sal e a falta de água conservando as formas do que já foi vida. O céu sem poeira conservando os desenhos rupestres das estrelas. Ambos tateando o passado.

Eu nunca entendi bem essa ideia de que olhar para o céu é o mesmo que olhar para o passado. Isso apenas se

olharmos para a luz de explosões de sei lá quantos milhões de anos atrás. Trata-se de uma questão gestáltica. E se atentarmos para tudo que não está lá? Ou melhor, que está lá, mas ainda não podemos perceber porque sua luz não chegou até a gente. Nesse caso, estaríamos olhando para o presente, para o que está acontecendo e ainda nos é invisível. Ou mesmo para o futuro, para o que será visto daqui a milhões de anos, mas está ocorrendo agora.

O astrônomo olhava as estrelas, eu olhava o vazio do céu. O não espaço e o não tempo.

Ele ajustou meu cachecol que havia se soltado e cobriu minha orelha (sempre tive muito frio nas orelhas). Eu lhe sorri a delicadeza.

Ele disse que podia imaginar o mar sobre as ondulações do deserto. Eu nunca estive no deserto. "Nem eu." Mas era certamente mais fácil do que imaginar as águas sobre o deque de madeira, as árvores e os sapos. Eu lembrei da catedral de Veneza e de seu chão de pedrarias ondulante esculpido pelo mar.

O arqueólogo não devia gostar do mar. O mar corroendo as formas e conservando a vida. Ainda que em perpétua transmutação. Não se pode encontrar múmias dentro do mar, a vida congelada não importa o quê.

"E as cidades submersas? Os baús de tesouros? Os esqueletos de baleia? O passado está no mar também. A origem de toda a vida."

A origem de toda vida.

Esta frase permaneceu no ar por alguns instantes.

Ele contou que as baleias já haviam sido seres da terra. Vida que saiu do mar, caminhou pelo chão e quis voltar. “Existem fósseis de um ancestral comum entre elas e os hipopótamos”. Ao longo de milhares de anos, suas narinas migraram para a nuca, suas patas viraram nadadeiras (em nada semelhantes às dos peixes) e elas ficaram cada vez mais na água, até abandonarem a terra.

Nessa hora, acreditei ter visto um disco voador, mas não achei oportuno comentar, não pareceu importante diante do que eu escutava, sua voz embalando meus devaneios.

Olhei para ele e, de repente, foi como se o estivesse vendo anos depois, como se olhasse uma fotografia. Eu em outro tempo, descolada daquele em que estava e queria estar.

Ele percebeu e parou de falar, quis saber de mim. Eu pisquei forte os olhos para me livrar das águas e expliquei que o vento frio e a poeira da fazenda acirravam minha sinusite. O que era verdade.

Ele acolheu, mas se calou por um longo tempo. Eu também, tentava entender e acomodar a ausência recém presentida. Os sapos se cresceram, o silêncio não era pesado, mas um leve tremor se instalara entre nós.

Quando ele retomou a palavra, teve a precisão de falar sobre uma fotografia antiga de que se recordara subi-

tamente. Uma fotografia sépia da cidade vazia. Mas o que lhe viera à cabeça, para além da imagem, foi a anedota de que havia movimentos não registrados em fotos assim. Como o tempo de exposição tinha que ser muito grande para que a imagem pudesse ficar gravada pela luz, apenas o imóvel ficava registrado, o resto era passagem. Eu pensei nos tempos da Terra e nos tempos dos homens. Depois de tanto furor, de tantos queres, intentos, rompantes, proezas, feitos, destruições, se nada permaneceria. E se as coisas são belas porque as sabemos efêmeras.

Contei de um dia numa praia. Minha mãe reunira as crianças e lhes dera uma missão: encontrar uma concha rosa, da cor da minha unha. Eu fiquei muito orgulhosa de servir de modelo ao objeto de busca. E saímos todas determinadas. Não sei quanto tempo durou a determinação das outras crianças. A minha durou até que eu encontrasse um par perfeito (acho que os outros já tinham desistido e se dedicavam à próxima brincadeira). Talvez até minha mãe não lembrasse mais do pedido quando o recebeu. Não lembro de louros, condecorações, prêmios ou honrarias. Mas nunca mais deixei de procurar conchas rosas na areia clara.

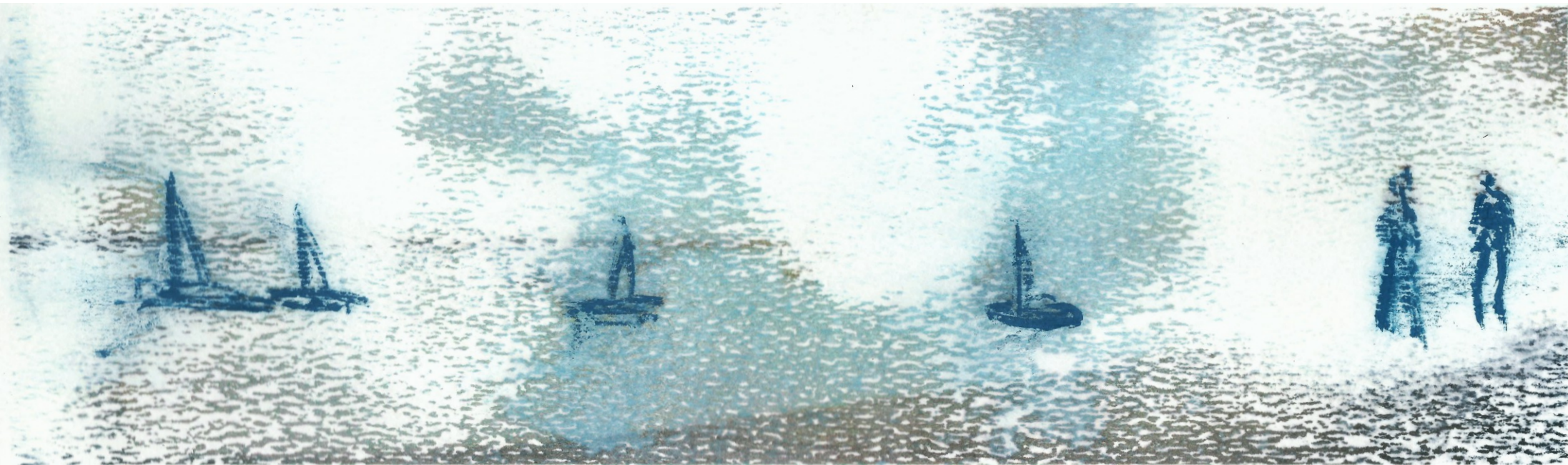
Ele sorriu melancólico, com sua bem-vinda falta de aptidão para arqueólogo. Eu sempre com um pequeno pincel, escovando sem descanso cada grão do imenso deserto.

Anos depois de eu não ter feito o pedido à estrela cadente, ele me deu uma concha. Ela não contém o mar. Eu a coloco no ouvido e não escuto nada. Ela contém cálcio, como nossos ossos e como as estrelas (assim o filme

daquela noite havia nos ensinado). Camadas e camadas de cálcio e outras histórias que desconhecemos (ela abrigou um ser que deslizou em sua direção, testou sua abertura com as garras para medir o espaço interior, verificou que não havia buracos e, por fim, a escolheu como nova morada, mais forte e maior que o antigo refúgio; ela foi descartada da rede de um pescador por inutilidade, sequer se distinguindo por sua beleza; mas talvez tenha feito parte de alguma coleção em uma casa à beira-mar que desmoronou numa inundação, poucos objetos restaram). Ele a encontrou um dia, passeando em uma praia distante, já à beira do abismo, e me falou das nossas camadas.

A concha não é bonita, não ecoa o mar, mas contém o sol.

Há um lago nas profundezas do Atlântico formado por uma água tão salgada que acabou por se separar do restante do oceano. Sobre a superfície desse lago, o mar se converte num céu. Lá sobrevoam e pairam os mais estranhos seres que a ficção humana jamais ousou imaginar.



o dever e o antes

Marina Tranjan

Companheiros de jornada

Páginas 11 a 16, e 18 - T. S. Eliot – trechos do poema “Ash Wednesday”

25 a 27 - Dorival Caymmi – carta para Jorge Amado

51 - João Guimarães Rosa – trecho do conto “A partida do audaz navegante”

55 a 58 - T. S. Eliot – trechos do poema “Ash Wednesday”

75 - Hercílio Constantino de Faria – poema “À minha filha Ruth”

76 - Paulo Soledade e Marino Pinto – compositores da marcha-rancho “Estrela do mar”

81 a 83 - Sophia de Mello Breyner Andresen – trecho do livro “A menina do mar”

87 - Rafael Coutinho – desenho para a hq “Cachalote”

89 e 90 - João Guimarães Rosa – trecho do conto “A partida do audaz navegante”

98 a 101 - Alexander Lowen – trechos do livro “O medo da vida”

111 a 113 - Nick Drake – canção “Time has told me”

119 - João Guimarães Rosa – trecho do conto “A partida do audaz navegante”

122 a 125 - T. S. Eliot – trechos do poema “Ash Wednesday”

134 e 135 - Monteiro Lobato – trecho do livro “Reinações de Narizinho”

146 - Sophia de Mello Breyner Andresen – (não) lembrança do poema “Mar sonoro”

150 - Joan Didion – frase do livro “O ano do pensamento mágico”

159, 161 e 162 - T. S. Eliot – trechos do poema “Ash Wednesday”

166 a 168 - Clarice Lispector – trecho do livro “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”

171 e 172 - Hans Christian Andersen – trecho do conto “A sereiazinha” (tradução Monteiro Lobato)

178 – Monólogo final do personagem Roy no filme “Blade Runner”. Direção: Ridley Scott. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Conta-se que o ator Rutger Hauer foi o responsável pela versão final da fala do replicante logo antes de morrer.

181 e 182 - Rosario Castellanos – Apuntes para una declaración de fe

185 - João Guimarães Rosa – trecho do conto “A partida do audaz navegante”